



1985.000.10



3x4

“A esperança venceu o medo”

EDITORIAIS

Mais um jornal sobre Lula?

O quadro era este: em sua quarta tentativa, o ex-torneiro mecânico elegia-se presidente da República. Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, vence o tucano José Serra no segundo turno das eleições de 2002 com aproximadamente 52 milhões de votos, a maior votação da história do Brasil, contra 33 milhões de seu adversário.

A vitória do homem que fundou, em fevereiro de 1980, juntamente com outros sindicalistas, o Partido dos Trabalhadores, o maior do Brasil, repercute de forma avassaladora em todos os veículos de comunicação nacionais e internacionais. Brasil consolida virada da esquerda, diz o *The New York Times*. Com Lula, Brasil tenderá à terceira via, afirma o francês *Le Monde*. Pleito é histórico para a esquerda é o que informa a rede-norte americana CNN. Lula arrasou, destaca o jornal argentino *Clarín*.

Menino pobre, filho de lavradores, nascido em Garanhuns, interior de Pernambuco, mudou-se ainda criança para São Paulo, numa viagem com a mãe e os irmãos em um caminhão pau de arara. Foi vendedor ambulante. Engraxate. Teve seu primeiro emprego fixo numa tinturaria. Perdeu o dedo mínimo da mão esquerda numa fábrica no ABC paulista aos 19 anos. Andou pelas filas do desemprego na recessão de 1965 até entrar para as Indústrias Villares como torneiro mecânico. Hoje, Luiz Inácio Lula da Silva ocupa o posto mais importante de nosso país: "o principal funcionário público do Brasil", definiu-se.

Nós, estudantes de comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que seremos graduados durante o mandato do trabalhador-presidente, optamos por ensaiar o jornalismo recontando uma história que já foi repetida muitas vezes a partir de um olhar singular: de governantes a trabalhadores desempregados, encontramos fragmentos da vida de Luiz Inácio da Silva nas esperanças de cada brasileiro.

O ponto em comum entre todos os textos seria a palavra expectativa. Partimos do pressuposto de que, independente de crença, raça, opção partidária, classe social, etc, todas as pessoas esperavam alguma coisa do novo governo e poderiam contribuir de alguma forma com suas opiniões. Cada colega foi atrás das informações e das fotos para ilustrar este momento, tendo a liberdade de ousar no relato destas vozes.

Com Lula, toda uma geração que lutou para que o poder partisse das mãos do povo conquistou espaço para a consolidação de uma proposta. Sua vitória pode desencadear um novo tempo em que as prioridades sociais pautem os rumos do Brasil.

Este é o 3 x 4 da turma 2002/02, um retrato fragmentado dos anseios de pessoas que, assim como nós, esperam alguma coisa do presidente.

Conselho Editorial

Saber escutar e saber contar

São inúmeras as definições do que venha a ser a prática do jornalismo. Mino Carta, por exemplo, em sucessivas entrevistas, destaca que a característica básica desta prática é a de fiscalizar o poder, estando a verdade factual acima de quaisquer outras considerações.

Mas muitas outras definições e características poderiam ser evidenciadas. Ainda recentemente – tenho a impressão que resultante da leitura de algum texto de Marcos Faerman – cheguei a dizer que o jornalista, fundamentalmente, é uma pessoa que sabe escutar e que tem o prazer de saber contar. Uma coisa é certa: muitas definições ainda serão formuladas sobre a tal prática, e nunca será demais este exercício.

Pensando sobre as dificuldades deste semestre, em especial, as decorrentes da elaboração de um jornal laboratório, onde o espírito de equipe é essencial, pretendo arriscar algumas considerações sobre o exercício da nossa prática profissional. Claro, insisto na idéia: trata-se apenas de mais uma das tantas tentativas – de um fantástico leque que já existe e outro possível de ser criado – acerca desta mesma prática.

O jornalista é um ser que tem que negociar tudo. Se existem etapas do processo de produção que são absolutamente solitárias – ser repórter e redigir – talvez todas as outras dependem de ações de interação. Discutir uma linha editorial de uma publicação é negociar. Elaborar uma pauta é negociar. Discutir com o editor o acabamento final de uma matéria é negociar. Discutir a edição de uma publicação é negociar. Participar de uma entrevista coletiva é negociar com os colegas. É preciso negociar com o fotógrafo com o qual trabalhamos. É preciso muitas vezes negociar com a fonte. Não é raro termos que negociar com o motorista do veículo que estamos usando na atividade de repórter, por exemplo, quando trabalhamos numa empresa de maior porte. E negociar é antes de qualquer coisa interagir com as pessoas e ter a capacidade de transigir.

Um dos aspectos mais importante para a mudança de qualidade das últimas edições do jornal laboratório 3x4 é justamente a abertura para negociar com os alunos da cadeira até o estabelecimento de um consenso mínimo. É um exercício de negociação. E talvez este seja o principal aprendizado. Todas as vezes que este exercício foi praticado com desprendimento (tanto por alunos como por mim como professor) o resultado final ficou muito acima das expectativas iniciais.

Se este exemplar do 3x4 tem uma qualidade razoável, deve-se muito mais a esforços individuais. Mas tenho a convicção de que faríamos muito melhor se tivesse prevalecido o espírito coletivo, sem estrelismos e sem tanta arrogância, pelo menos da parte de um ou outro aluno. Atitudes que quase inviabilizaram o projeto.

Wladimir Ungaretti

3 x 4 | Fabico | UFRGS | 2002/2

Redação: Adriano Barcelos, Alexandra Borges, Ana Maria Rosa, Caroline Andreis, Daniella Franco, Denise Ilha, Edson Pinedo, Fabiano Costa, Gisele Loeblein, Gisele Neuls, Joana Saraiva, João Guedes, Lenara Londero, Rafael Balsemão, Renata Giacobone

Conselho Editorial: Ana Maria Rosa, Fabiano Costa, Gisele Neuls, Lenara Londero, Rafael Balsemão
Projeto Gráfico: Juliano Bruní Pereira
Revisão: Daniel Rosa Lopes, Gilmar Luis Silva Júnior
Coordenação: Wladimir Ungaretti
Foto de Capa: João Guedes

COMUNIDADE

O início da mudança?

Líder comunitário analisa com prudência o novo governo
Por RENATA VIAL GIACOBONE

Fotos: RENATA GIACOBONE



Quem passa em frente à casa de seu Dorval Araújo, na vila Mário Quintana, nem imagina que, por trás das paredes brancas de alvenaria, existe um mini santuário comunista. Pôsteres de Lênin e Marx, uma escultura da foice e do martelo, além de uma placa comemorativa – presente do PC do B – convivem harmoniosamente com as fotos de netos e amigos. Aos 79 anos, seu Dorval acompanha com interesse a política nacional e regional, e analisa os fatos de maneira lúcida e coerente.

Nascido em Uruguaiana, filho mais velho de uma família humilde, desde os oito anos já tinha consciência da desigualdade e da injustiça social. “Eu me questionava: por que minha tia, que era tão rica, desperdiçava, e nós aqui com falta? Papai Noel não chegava até nós. Será que ele só atende quem pode?”, conta. Foi na Sociedade Espanhola que seu Araújo entrou em contato com a ideologia comunista. Mais tarde, envolveu-se em protestos contra o golpe do Estado Novo, sem saber que estes haviam sido organizados por membros do Partido Comunista. A partir de então, começou sua trajetória política. “No dia em que o partido foi regularizado pelo governo Vargas, eu não resisti e chorei. Depois, peguei minha bandeira e saí pela rua, comemorando”, conta.

Em 1947, quando o PC foi novamente proibido, seu Araújo continuou militando em diversos lugares. No período da Ditadura Militar, participava de reuniões do partido que eram realizadas nas ruas e lembra de passagens engraçadas: “Uma vez, tinha uma menina conosco, e ela precisou urinar. Nós ficamos cuidando para ver se a polícia passava, enquanto ela se abaixou perto de um cano. De repente, alguém gritou ‘polícia’ e ela se jo-

“No dia em que o partido foi regularizado pelo Vargas eu não resisti e chorei.”

gou cano abaixo, com as calças abaixadas e tudo, enquanto nós nos escondemos num matão”. Mas há também más recordações. O irmão mais novo de seu Dorval desapareceu durante a repressão. “Ele tinha ido à China e à Rússia, estudar. Um dia, um homem apareceu na minha casa e perguntou se eu sabia onde meu irmão estava. Eu disse que não. Nunca soube onde estão seus ossos”, relembra. Ele próprio chegou a ser preso, mas não revela onde. Depois de um período, mudou-se para Santa Catarina, numa espécie de auto-exílio. Voltou nos anos 90, por insistência da esposa, que queria ficar perto do filho. Com o dinheiro que trouxe, conseguiu comprar um terreno no atual bairro Mário Quintana.

Mesmo com pouca instrução formal, seu Dorval possui uma cultura invejável. Conhece bastante a doutrina marxista, entende de história política e usa uma linguagem típica de intelectual. Expressões como sectário, democracia participativa, luta de classes, materialismo histórico, aparecem freqüentemente durante a conversa. Apesar de ter lido muito poucas obras de Marx, as idéias deste autor são o parâmetro do pensamento de seu Araújo. Quando, por exemplo, fala da Igreja, deixa clara a opinião de que esta é uma arma de alie-

nação da classe operária usada pelos detentores do capital. Ainda assim, não acredita que a religiosidade possa ser um problema para o pensamento de esquerda.

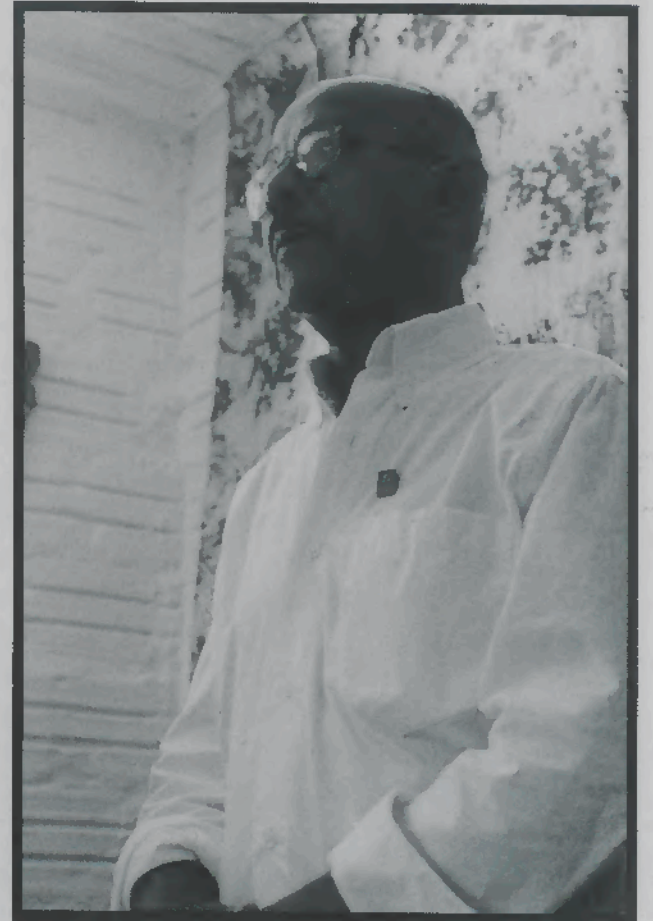
É esta consciência política que torna seu Dorval cauteloso na hora de exa-

“Ninguém quer esmola. O povo quer trabalhar para poder comprar seu próprio alimento.”

minar a situação política do Brasil. Ele não acredita que o PT seja um partido de transformação, e teme este “culto” à personalidade do presidente Lula, que tem sido alimentado pela imprensa de todo o país. Para ele, o Partido dos Trabalhadores está “inchado”, e Lula está cercado de “cobras”, numa referência às alianças com o PL e outros partidos de direita. Também é cético em relação a algumas propostas do governo, como o programa Fome Zero; ele teme a maneira como o presidente pretende resolver o problema: “Não adianta dar comida para as pessoas e

não melhorar o resto. Senão, no final do mandato, todo mundo vai ficar sem comida de novo! Outra coisa: ninguém quer esmola. O povo quer trabalhar para poder comprar seu próprio alimento”. Seu Araújo condena o personalismo na política, e cita exemplos de deputados que deixaram seu partido de origem no momento em que este não mais lhes servia: “uma delas chegou a dizer que não tinha espaço dentro do PC do B. Eu respondi que ela deveria procurar o seu espaço, e que esta atitude (de deixar o partido) significava que ela nunca havia sido comunista, de verdade”.

Mesmo com estas restrições, Dorval Araújo tem esperança de que muita coisa mude neste governo. A votação expressiva conquistada pelo presidente (52 milhões de votos) é vista como indicativo de que o povo tem sede de mudança. Ele pensa que, com esta quantidade de gente apoiando o novo governo, os grandes empresários não se colocarão contra as reformas. E termina a entrevista dando prova de que confia no futuro: “Eu tenho muito otimismo. Tenho certeza, eu não vou alcançar isso, mas que a sociedade vai mudar, vai. E agora ‘tá na hora de mudar!’”.



PERSONALIDADE

História de lutas

Quadro histórico do PT, Raul Pont é um testemunho da vitalidade do pensamento político de nossa época

Por JOANA CAMARGO SARAIVA

Deputado Estadual mais votado do PT nas últimas eleições, Raul Pont é conhecido por suas opiniões diretas e, por vezes, polêmicas até para seus companheiros de partido. Quadro histórico da luta contra a ditadura, participou ativamente da fundação do Partido dos Trabalhadores e esteve presente em todas as suas instâncias de direção, tanto no Rio Grande do Sul quanto nacionalmente. Em entrevista concedida ao 3x4 em janeiro de 2003, Raul discorreu sobre muitos temas importantes para a história - de vitórias e também de derrotas - do PT no Brasil e no Rio Grande do Sul. Um testemunho da vitalidade do pensamento político de nossa época, Raul direciona suas expectativas para correções de rumo que ele espera de seu próprio partido.

3x4 - Como foi sua entrada no PT?

Raul Pont - Em 1966, eu saí do Partido Comunista Brasileiro, porque as coisas eram muito autoritárias. Desde essa época a gente tentou fazer o enfrentamento com a ditadura, mas não tínhamos força. Muitos militantes estavam no exílio, outros presos, e quando a gente começou a reorganizar isso, em 73, foi muito molecularmente. Eu tinha ficado preso um tempo, voltei para Porto Alegre e fui terminar meu curso de História. Começamos a ter um grupo na universidade e colocamos um pé no Instituto de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais do MDB. Em 76, nós organizamos a Tendência Socialista do MDB. No programa do movimento, nós defendíamos a necessidade de um partido de trabalhadores, de base sindical, como sustentação para organização de um partido socialista. Quando a proposta surgiu do próprio movimento sindical, abraçamos a idéia.

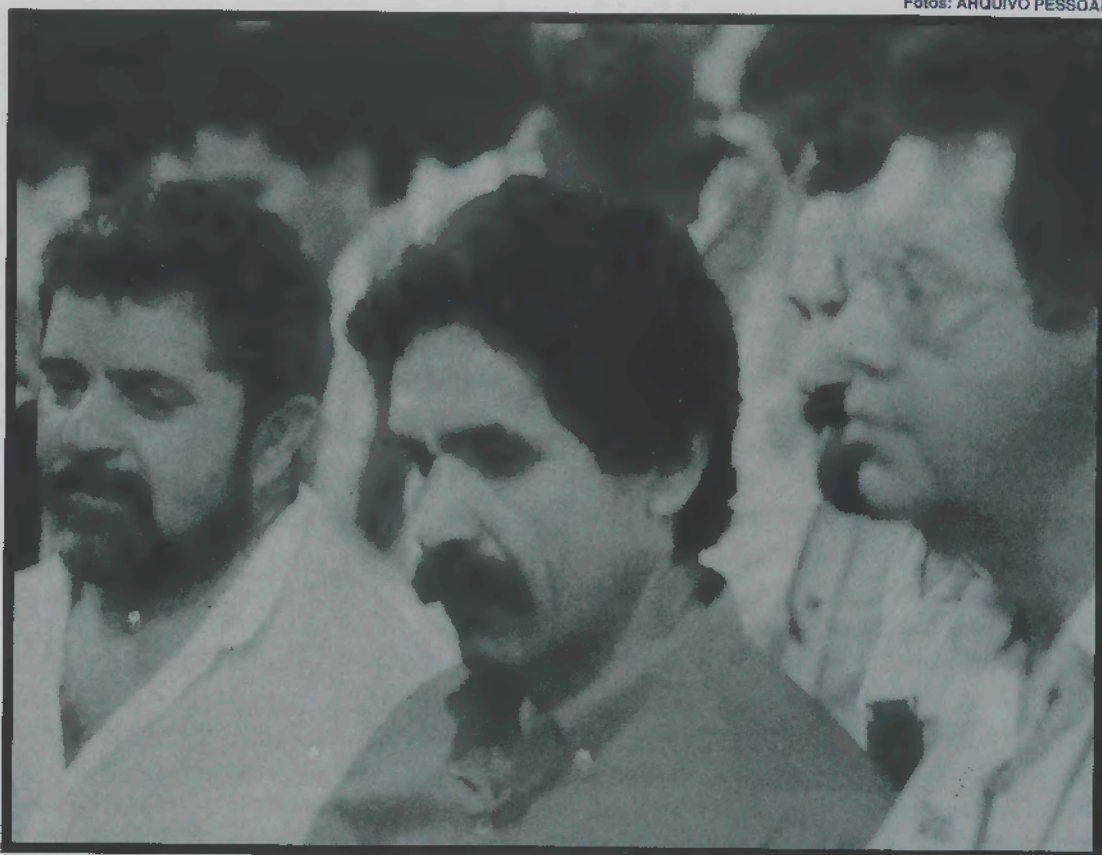
3x4 - O senhor tinha idéia de que o partido chegaria à Presidência da República em pouco mais de 20 anos de existência?

Raul Pont - Que em vinte anos chegaríamos à presidência, não, mas que as chances de crescimento existiam e eram reais, isto nós tínhamos

muito claro, pela compreensão de que o Brasil precisava de um partido desse tipo. Existiam milhões de trabalhadores assalariados e nenhum partido representava efetivamente essas pessoas. O MDB se apresentava como um partido popular, mas não era um partido que lutasse pelos trabalhadores, como continua até hoje.

3x4 - Como o senhor encara a eleição do Lula em aliança com o PL?

Raul Pont - Talvez para fora do partido exista uma certa surpresa, mas estas questões já vinham se colocando dentro do PT. A coligação com o PL foi aprovada pelo diretório nacional do partido, não foi um golpe do Lula. Mesmo antes dessa votação, já havia uma inclinação de uma corrente majoritária do partido, que defendia uma tese que era muito propagandeada pelo Lula - que depois das derrotas de 89, 94 e 98, pra ganhar teríamos que ampliar as alianças, diferente do



Fotos: ARQUIVO PESSOAL

que aconteceu aqui no RS. Mas não dava para aliar com os que estavam no governo. O PL não dá pra dizer que é um partido, ou que tenha aberto mão do seu programa, e o Lula estava interessado era na aliança com o José Alencar. Como o Alencar era do PMDB e a lei não permitia fazer coligação, ele saiu do PMDB e a sigla disponível pro cara ser candidato era o PL.

3x4 - Então a ida de Alencar para o PL foi articulada para possibilitar a formação da chapa?

Raul Pont - Sim, mas não que isso fosse consciente de todo o partido, nem que a gente tivesse discutido isso. O Alencar queria ser vice, sinalizava isso, e como via que pelo PMDB não era possível, ele teve que buscar outra sigla.

3x4 - Como o senhor encara a participação de nomes como o de Henrique Meirelles no Banco Central, Rodrigues na Agricultura e Furlan na Indústria e Comércio?

Raul Pont - Isso sim foi pra muita gente uma surpresa. Porque esses não têm nada a ver conosco. Não é bem uma ampliação partidária, essas figuras não são bem de partidos, é uma sinalização com determinados setores sociais. O Furlan parece que era meio simpático ao PSDB, mas não era um quadro militante. O Meirelles era do PSDB, se elegeu deputado pelo partido. Não foi feita uma aliança com o PSDB, o cara aceitou pessoalmente o convite, mas mesmo assim, não retira o problema.

Eu fui um dos que foi para a imprensa dizer que não concordava, não aceitava isso, achava que era um equívoco, como continuo achando. Agora, o conjunto do governo é majoritariamente petista, do campo da esquerda, portanto não dá pra dizer que é uma traição.

“O PL não dá pra dizer que é um partido, (...) o Lula estava interessado na aliança com o Alencar.”

3x4 - Como fica a esquerda do PT dentro de um governo Lula, que está se mostrando de centro-esquerda? Raul Pont - Eu não gosto muito desta identificação, porque ela não é muito precisa. Quando digo que o partido é de esquerda me refiro ao conjunto do PT e considero todos no partido do campo de esquerda geral do país. Dentro do governo, eu sei que têm pessoas que estão mais pra lá, mais pra cá. Eu estou muito mais afinado com o Miguel (Rosseto), com o Olívio (Dutra), digamos, do que com outros ministros, ou do que com o Palocci, por exemplo. Mas o Palocci, o Miguel e o Olívio são ministros do PT, e eu defendo os três, ainda que eu me identifique mais com um ou outro.

3x4 - E quanto aos nomes indicados a cargos importantes do governo Lula que não estão neste campo da esquerda que o senhor citou?

Raul Pont - Eu vou brigar no diretório para que as políticas adotadas no governo sejam as mais democráticas possíveis e construídas coletivamente. Tem que fazer essa disputa. Se o partido um dia acabar com a democracia interna, aí mudou tudo. Aí nem sei o que vou fazer da vida. Vou cantar em outra freguesia, compreende? Mas não é esse o caso, o PT continua democrático. No caso do Alencar eu perdi, mas defendi a posição.

3x4 - Como o PT gaúcho avalia a derrota de Tarso, no Es-

tado, em contraponto à vitória de Lula?

Raul Pont - Era uma situação muito difícil, nós havíamos ganho a eleição anterior de forma muito apertada. Esta eleição se configurava também muito apertada porque nos últimos quatro anos houve uma tentativa de negação do governo, principalmente pela RBS. Quando a gente dizia na rua que o governo tinha contratado milhares de professores, as pessoas nunca tinham ouvido falar. É evidente que o governo cometeu erros, qualquer governo comete. Ao lado disto, acho que os motivos que pesaram mais foram os equívocos que a gente cometeu no processo de escolha das can-

didaturas, e também os erros de estratégia de campanha.

3x4 - E como o PT vem conseguindo manter a prefeitura, mesmo com a "malhação" da RBS?

Raul Pont - Pelos nossos acertos. Pela relação que construímos com a comunidade, pelo Orçamento Participativo, pelas obras que os caras não têm como esconder, porque foi a população que escolheu. Quando fui prefeito, eles adotaram a tática de não falar, porque se falassem mal, desmoralizaria muito o órgão, como aconteceu nesta última campanha.

Não é gratuito que o Sirotsky ligou para assinantes pedindo para retomarem a assinatura, e fez um editorial de uma página pedindo desculpas pelos excessos dos colonistas. Que jornal grande, decente desse país, o dono vai lá e faz editorial se desculpando de excessos de colonistas?

3x4 - A recente demissão do jornalista Rogério Mendelski, um dos comentaristas mais apontados pelo PT como parcial, não pode ser encarada como uma tentativa da RBS retomar sua credibilidade?

Raul Pont - Pode até ser isso, mas eu me pergunto como que uma empresa que demite um cara ou por razões de mudar a sua política, ou porque um anunciante reclamou, tem a cara de pau de dois meses antes fazer uma campanha, mobilizar a Sociedade Interamericana de Imprensa para

denunciar censura. Isso porque o Olívio, enquanto governador, moveu uma ação na justiça contra o Mendelski. O governador, caluniado, difamado, foi reclamar na justiça, que é onde cabe num país civilizado, e a Zero Hora transformou isso numa campanha contra a censura à imprensa que o governador estaria fazendo. Eu fico na preliminar: a demissão dele, por qualquer uma das razões, não tem nada a ver com liberdade de imprensa? Um safado desses diz o que bem entende, e a gente não tem nem direito de resposta. Eu sei muito bem o que é isso, eu agüento o Barrionuevo há 10 anos mentindo, difamando, caluniando, todo o dia aquele veneninho

"Se um dia o PT acabar com a democracia interna, nem sei o que fazer da vida."

"Um safado desses diz o que bem entende e a gente não tem direito de resposta."

"A grande imprensa vai mostrar de que lado está, e que sempre esteve."



Nascido em Uruguaiana, o gaúcho Raul Jorge Anglada Pont, 58 anos, é formado em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com mestrado em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A vida política de Pont começou no movimento estudantil, nos duros anos de ditadura militar no Brasil. Desde então, a trajetória de militância só foi interrompida por um ano e meio (entre 1971 e 1972), período em que esteve preso na Ilha do Presídio, em Porto Alegre. Pont foi deputado estadual em 1986 - quando integrou a Assembléia Constituinte do Estado - federal em 1990, vice-prefeito de Porto Alegre de 1993 a 1996 e prefeito de 1997 a 2000. Em 2002, Pont se elegeu como o deputado estadual mais votado do PT e o segundo mais votado do Estado, com 69.453 votos.

do xiita, do sectário, do pré-histórico. Bota isso dez anos, vê o que é o preconceito na opinião pública. Eu canso de encontrar gente na rua, pessoas que eu nunca vi, que depois de dois minutos de conversa me dizem que tinham uma imagem diferente de mim. E de onde saiu essa imagem? É aquele veneninho diário. E os caras fizeram isso com o Olívio. E o que foi a cobertura da CPI? Cobertura ao vivo pela TV.

Quando tem processos na justiça, em tramitação, com provas, de secretários do Britto, com bens indisponíveis, não falam nada.

3x4 - O presidente Lula parece estar mantendo um bom relacionamento com a Rede Globo. Qual sua avaliação sobre isso?

Raul Pont - Eu acho que a Globo vem dando uma cobertura jornalística objetiva, ela não está a favor do governo Lula. Mas a tendência é que a lua-de-mel acabe com as primeiras medidas, a não ser que o governo não faça nada do que nós nos comprometemos a fazer. A grande imprensa vai

mostrar de que lado está, e sempre esteve. Seria burrice bater num presidente que se elegeu com 52 milhões de votos, que toma atitudes muito simbólicas e tem trabalhado muito bem esta questão de marketing político. Só o fato de tirar a Rede Globo das novelas e dar cobertura à visita do Lula ao semi-árido do Nordeste, e mostrar como vive o Brasil real, já é uma grande atitude

do presidente. O Lula está mostrando uma capacidade de justificar medidas mais duras, ou medidas que têm que se fazer até para se arrumar dinheiro e ter sobra de recursos.

3x4 - Qual vai ser a postura da bancada do PT na Assembléia Legislativa nos próximos quatro anos?

Raul Pont - Vamos fazer oposição a esse governo. Claro que se o Rigotto quiser botar teto na previdência para melhorar as contas públicas, nós vamos ser a favor, não vamos fazer como eles fizeram com o Olívio. Porque isso é política de longo prazo, é política de Estado. ■

CAMPO

O campo espera mudanças

Pequeno produtor rural e líder do MST falam de suas expectativas em relação ao novo governo

Por JOÃO GUEDES

Fotos: JOÃO GUEDES



A esperança e a expectativa que cercam o início do governo Lula de sul a norte do país também estão presentes entre os pequenos produtores e trabalhadores rurais. Durante os oito anos do governo FHC, a agricultura familiar esteve longe de ser a menina-dos-olhos do Palácio do Planalto. Desde 1994, as atenções estiveram voltadas para a produção agrícola de larga escala. Na ânsia de integrar o Brasil ao comércio internacional, incentivos foram dados para a lavoura de exportação, enquanto os pequenos produtores praticamente pagavam para trabalhar. É o que diz o produtor rural José Adão Vigil, 48 anos, dono de uma pequena propriedade de 18 hectares, localizada a 25

km de Santana do Livramento, na fronteira oeste do Estado.

Vivendo da produção de leite e criação de porcos, ele afirma que o dinheiro obtido com a venda de seus produtos é apenas suficiente para pagar os custos. "Atualmente, estou pagando para produzir", reclama. Trabalhador rural desde os 17 anos, Vigil conseguiu ter sua própria fazenda no início de 2002, quando foi selecionado pelo Banco da Terra, órgão criado pelo governo FHC, que financia a compra de pequenos lotes de terra para trabalhadores rurais. Além disso, ele recebeu R\$ 12 mil do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) para custear sua infraestrutura.

Mesmo sendo beneficiário de um projeto do governo FHC,

Vigil confessa ter votado em Lula nas eleições de 2002. "Eu votei no Lula porque ele disse que vai defender quem trabalha, ao contrário do governo anterior, que favorecia os que só especulam com o dinheiro", diz ele. "Não me conformo que quem menos ganha é o produtor. O atravessador, a indústria, todo mundo ganha mais do que quem está no campo", conclui o produtor.

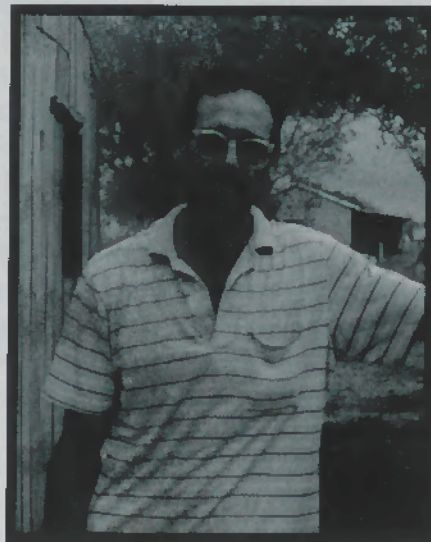
Mas não foi só o discurso do candidato que pesou na hora da escolha de Vigil, que não esconde sua insatisfação com o governo que passou. Para ele, faltou uma política de preços ao produtor. Ele recebe, em média, R\$ 0,33 por litro de leite. "É um preço inviável para se manter. A média do valor do produto é a mesma há quatro anos, enquanto os preços da ração e dos medicamentos das vacas não param de subir", explica. Vigil ainda tem dois anos de carência para começar a pagar o financiamento do Banco da Terra e um ano para iniciar a devolução do dinheiro do Pronaf. Por enquanto, ele não sabe como vai fazer para pagar seus compromissos. "Do jeito que a coisa vai, não vou poder pagar as prestações", projeta.

Otimista, Vigil aposta numa reversão dessa situação. "Espero que o Lula conceda mais recursos via Pronaf, para que eu possa comprar mais vacas e investir na produção de peixes. Só com o aumento da produção vou poder honrar as dívidas".

A expectativa de mudança do pequeno fazendeiro santanense é compartilhada pelo agricultor André Onuczak, membro da direção estadual do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que há 11 anos vive no assentamento de Charqueadas. Para ele, a chegada de Lula à presidência vai marcar uma época de avanços na reforma agrária. Segundo o MST, nos últimos 18 anos, cerca de 350 mil famílias foram assentadas pelo governo federal, o que, para Onuczak, é pouco para um país que tem 4 milhões de sem-terra e 80 milhões de hectares improdutivos. "Esperamos que, ainda em 2003, sejam assentadas as mais de 100 mil famílias que atualmente estão acamadas no país, aguardando a liberação de novos lotes pelo Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária)", diz ele.

As perspectivas do MST vão além da aceleração no processo de assentamentos. O Movimento espera que o Governo Lula promova o que considera a "verdadeira reforma agrária", que, segundo Onuczak, somente acontece quando o Estado vai além da mera distribuição de terras e oferece financiamentos em longo prazo, custeio de produção, política de preços ao produtor e seguro agrícola. "Os trabalhadores assentados também precisam ter acesso à saúde e escolas na zona rural, para que os jovens não se afastem do campo", completa.

Mesmo com a ousada meta de assentamentos para 2003, Onuczak admite que não espera mudanças significativas no país nos primeiros anos de governo. "Sabemos que Lula vai encontrar muitas dificuldades, pois FHC amarrou todos os recursos possíveis para o pagamento das dívidas", adverte. Para ele, as transformações só irão acontecer se os movimentos sociais se mantiverem mobilizados: "Hoje, no Brasil, os movimentos populares estão em decadência. É preciso retomar isso com muita força. Nós não achamos que o Lula vai conseguir fazer as mudanças sem o povo ir pra rua. O poder está na mão da sociedade e não na mão do presidente". ■



"Votei no Lula porque ele disse que vai defender quem trabalha, não os que especulam." (Vigil)



"Não achamos que o Lula vai conseguir fazer as mudanças sem o povo ir pra rua." (Onuczak)

RELIGIÃO

Igreja Universal tem expectativas mínimas

Devotos que têm fé, Deus e o poder de prosperar pagando o dízimo não precisam do trabalhador que chega ao Governo

Por RAFAEL BALSEMÃO

“Qualquer coisa que ele fizer já será bom. Qualquer prato de farinha que ele der com essa miséria que está aí vale”, afirmou um pastor da igreja da Júlio de Castilhos, o maior templo da Universal em Porto Alegre.

Uma devota, ao sair do culto das 10h de uma quarta-feira, disse que sua expectativa é o Senhor Jesus. “Quem manda é Deus, que está dentro da gente.” Segundo ela, Lula é um homem, e Deus pode matá-lo a qualquer momento.

A conversa com os devotos em frente ao templo parou por aí. Um segurança abordou a equipe de reportagem pedindo que não entrevistássemos as pessoas. Fomos convidados a assistir o culto.

“Quem tem fé aqui?” Todos levantavam a mão. O pastor dizia que quem não prosperava dentro da igreja era quem não tinha fé. Em determinado momento, ele pediu que os devotos levantassem a mão com uma nota de um, cinco ou dez reais. Quem não tivesse, poderia apenas colocar na mão uma moedinha, ou mesmo nada. Depois do grito coletivo para espantar a miséria, todos entregaram o que possuíam.

Quem acreditasse no pastor, que mais parecia com um neurolingüista, que dissesse. Quem

tivesse fé, que pegasse o envelope para pagar o dízimo. É preciso ter coragem para ter fé, acreditar na palavra do pastor, e prosperar dentro da igreja. “Xô miséria!”, todos repetiam.

O sacrifício maior teria de ser feito no dia 12 de janeiro, pagando-se 365 reais. Cada real simbolizava um dia do ano e toda a devoção e sacrifício necessários para enfrentar os encostos e encontrar Deus. O pastor alertava a todos que era difícil, mas necessário. Era preciso acreditar, ter fé e entregar o dinheiro ao Senhor.

Sáímos do culto indigna-

dos, mas não havia nada que pudéssemos fazer diante das câmeras espalhadas pela igreja e os “32 policiais”, segundo informações do pastor, que disse, ao perguntarmos se poderíamos fotografar o culto, que quem mandava dali para dentro eram eles. Fora da igreja poderíamos fazer o que nós quiséssemos: fotografar a fachada e conversar com as pessoas. Não demorou muito para um dos “policiais” vir nos abordar. Nem ali fora nós poderíamos fazer o que queríamos.

Depois disso, finalmente entendemos porque ali ninguém precisava das esperanças do operário, ex-torneiro mecânico que chegava ao poder. Eles tinham fé, Deus e o poder de prosperar pagando o dízimo. Amém, pessoal! ■

“Lula é só um homem e Deus pode matá-lo a qualquer momento.”

Comunidade Judaica não teme petistas no Planalto

“A maioria dos judeus é de esquerda”. Ezequiel Gotlib, coordenador de comunicação da Federação Israelita.

Por CAROLINE ANDREIS

Ezequiel foi eleitor do petista e não considerou as declarações do vice, José Alencar, decisivas para o seu voto e o da comunidade.

O partido de Lula já tinha expressado sua admiração pelo líder da Autoridade Palestina, Yasser Arafat, quando este esteve isolado e cercado por tropas de Israel em Ramallah. Além disso, na véspera da eleição, José Alencar foi ao ar em rede nacional, dizendo que o conflito no Oriente Médio poderia ser resolvido se os judeus deixassem Israel. Segundo o The Jerusalem Post, um dos maiores informativos de Israel, isso preocupa a comunidade judaica, que possui 150

mil habitantes no Brasil. O periódico judaico publicou, na capa da edição de 27 de outubro, uma extensa matéria de Hilary Krieger sobre a vitória de Lula nas eleições presidenciais do Brasil. O texto dizia que o clima da comunidade judaica brasileira é de hesitação. O motivo do receio teria origem nas posições do presidente Lula e seus aliados sobre o conflito judeus-árabes na Palestina.

Lívia Meimes, jornalista, 22 anos, foi eleitora de Lula. Mas, como muitos judeus, entende que a comunidade judaica, inclusive internacional, tem medo da ala mais radical do partido, principalmente daqueles que são a favor do estado de Israel “como era

há 5 mil anos atrás”.

Lívia disse ainda que o fato de o partido ser contra Israel não denota um anti-semitismo, mas o fato de que o país seja aliado dos americanos piora muito a situação. “Israel estar aliado aos EUA incomoda tanto Arafat quanto à esquerda.”

Depois da declaração de Alencar, a assessoria de Lula escreveu cartas de desculpas a organizações judaicas nacionais e internacionais e visitou sinagogas nos feriados religiosos.

O assunto não é novo no PT, que até possui uma Comissão de Assuntos Judaicos, vinculada ao Diretório Regional de São Paulo.

Lula, em seu discurso de posse, não deixou de citar o povo judeu: “Esta é uma nação (...) onde judeus e árabes conversam sem medo.” Essa reconciliação de Lula com os judeus pode durar até a próxima votação da ONU sobre o Estado de Israel. O Brasil, na maioria das vezes, votou na ONU contra Is-

O Brasil costuma votar na ONU contra Israel. Justo em um governo de esquerda isso não mudará.

rael. A comunidade não parece acreditar que justo em um governo de esquerda isso mudará. E, por isso, deixa muitas vezes de votar, pensando no Estado de Israel.

A comunidade judaica aprovou o presidente e aceitou as desculpas do vice e da ala radical. As barbas dos petistas não assustaram os judeus, que esperam, como todos brasileiros, um bom governo. ■

HISTÓRIA

Os comunistas agora estão no poder

Nem os anos de chumbo acabaram com o otimismo de Jussara Cony.

Finalmente seu partido chega ao poder com Lula

Por ADRIANO BARCELOS

Ela é mãe de cinco filhos e de uma esqui na. Nos últimos dias de repressão do regime militar – mais precisamente em 1984 – esta filha de um ferroviário comunista tomou, com alguns poucos companheiros, o então cruzamento entre a Avenida Borges de Medeiros e Rua dos Andradas. Ali, de megafone na mão, “e com os cabelos ainda bem pretinhos”, como recorda, Jussara Cony fez história. Num momento de iluminação, Jussara proclamou que naquele local haveria uma esquina diferente. Esta, pelo menos para os porto-alegrenses que viriam nos vinte anos posteriores, seria para sempre a Esquina Democrática. Um jornalista do Correio do Povo, atento, registrou a idéia e eternizou o título.

De seus outros cinco filhos, dezessete netos e um bisneto, Jussara fala com natural carinho. Principalmente por ter passado a eles o gosto pela militância política – algo que permeou sua vida a ponto de ela não saber dizer quando a política passou a fazer parte dela. Militante do PC do B, partido que resiste por oito décadas, mais da metade na clandestinidade, lembra da truculência dos anos de chumbo: “Apanhei muito da polícia”. Encontros secretos, em lugares desconhecidos, fizeram parte do passado e hoje servem como base para uma visão política ímpar. Jussara Cony é uma comunista moderna. Enxerga no governo Lula, a presença da esquerda brasileira.

GOVERNABILIDADE – Alianças estratégicas. Assim a deputada interpreta a atuação do PT, que

buscou coligações com partidos de direita para disputar as eleições. Esta também é sua opinião sobre a aliança do PT com o próprio PC do B.

“O governo de Lula tem um núcleo estratégico de esquerda e um caráter de centro-esquerda”, define, ao criticar também parte da própria esquerda que se prende às questões políticas. Para Jussara, “é preciso se desprender de certos sectarismos, mesmo em alguns grupos da esquerda. Lula sabia muito bem que era preciso garantir a governabilidade. Se não fosse pela resistência interna, poderíamos ter chegado ao poder antes”.

Jussara conta que era lindo ver, em outras eleições presidenciais, a empolgação e a mobilização dos militantes de Lula. “Mas não adiantava de nada. Lula esbarrava no patamar dos trinta por cento e acabava perdendo as eleições”. A união com o PL, por mais estranha que pudesse parecer, pode ser descrita como o grande acerto político.

Sobre a visão do partido pela aproximação com a direita, ou com o centro, ela declara que o PC do B segue trabalhando dentro do espírito que o acampanha desde sua criação, mas atua necessariamente dentro do campo real, tendo que identificar as mudan-

ças que o mundo como um todo promoveu – libertando-se das utopias que compõem a sua imagem, especialmente dentro do imaginário popular.

O OPERÁRIO – O partido mais tradicional da esquerda brasileira tem perfeita noção do componente histórico que envolve a posse de Luiz Inácio Lula da Silva. Jussara não se cansa em ressaltar o teor simbólico



Foto: JOÃO GUEDES

de “um operário, um igual” ocupando o Palácio do Planalto. “Ele foi eleito para mudar, no maior espetáculo que o povo brasileiro já deu, construído passo a passo, na esperança do sonho se transformar em realidade. Teremos agora um projeto de nação!

Um enorme desafio. Oficialmente, o PC do B acredita que, com Lula, novas forças políticas chegam ao poder, representando a possibili-

dade de um novo ciclo na história do país, um novo projeto político, econômico e social”.

Jussara Cony vive de acordo com a realidade. Não acredita que todos os problemas estarão resolvidos ao final destes primeiros quatro anos. Para ela, o momento é na verdade de transição e de “frear o avanço dos grupos que defendem teorias neoliberalizantes”. A transição pode inclusive, acredita, ir bem além deste governo. “O trabalho completo deve levar, no mínimo, vinte anos”.

FAMÍLIA – Sobre os filhos, ela comenta que um deles, aos dezesseis anos, foi o responsável por uma de suas maiores alegrias. Ela, sigilosamente, teria de participar de uma reu-

nião do partido no final de semana. Inventou uma desculpa qualquer para seu filho – que, em resposta, afirmou não haver problema porque havia decidido fazer um acampamento, no mesmo dia.

Depois de ser conduzida ao local do encontro, deu de cara com o rapaz e sentiu que, mesmo tendo deixado a família de lado em alguns momentos em favor do ideal da política, tinha os seus

por perto no amor e na dedicação às mesmas causas. A respeito do local do encontro, Jussara garantiu que era uma praia. Que praia? Aí já é querer saber demais. Mesmo tanto tempo após a abertura democrática, tem certas coisas que os velhos comunistas não contam para ninguém.

Jussara Cony é uma pessoa bem humorada, que guarda heranças profundas da clandestinidade. Sobre o atraso desta reportagem, de cerca de vinte minutos, ela falou: – Tu te atrasaste vinte minutos. Quando eu marcava encontro com os companheiros (os comunistas, na clandestinidade), um atraso de um minuto queria dizer que algo não estava bem. Um atraso de um minuto podia ser a diferença entre a vida e a morte... ■

“Se não fosse pela resistência interna, poderíamos ter chegado ao poder antes.”

ESPECIAL

Arte sobre fotos do ACERVO DE LUTAS CONTRA A DITADURA/MEMORIAL RS



Forjados a Chumbo

Por FABIANO COSTA e DANIELA FRANCO

Guiados por ideologias, romperam a inércia social e desafiaram as rígidas normas da ditadura militar. Nos palcos ou na obscuridade das ruas, fizeram ecoar os gritos oprimidos pelos Anos de Chumbo. Esta geração, que amarrou suas vidas ao sonho de um país mais justo, assistiu na vitória de Lula a consolidação de seu espaço.

Esta é uma homenagem aos que ainda carregam as cicatrizes da batalha pela democracia.

Ao entrarem no apartamento em busca das seis metralhadoras que o coronel colecionava como troféus, a residência se transformou num imenso teatro. Mesmo atônitos com a estranha visão, os militantes da Guerrilha Brancalione, por instantes, esqueceram das armas e acompanharam compenetrados as mensagens de protesto à ditadura declamadas no palco. Sentiram o espírito da revolução. Subitamente, suas atenções foram desviadas pelo arrombamento da porta daquele teatro imaginário por um oficial montado a cavalo. Liderando um grupo verde-oliva, o comandante precisou de apenas um gesto para ordenar o espancamento.

Chutes, socos e cacetadas. Mário estava imóvel. Seu corpo paralisou como se estivesse amarrado. Tornou-se uma espécie de espectador de toda aquela violência. A sua direita, percebeu Eurico Lisboa sozinho diante dos agressores. Tentou gritar, mas estava mudo. Incapaz de acudir, se resignou a assistir a aproximação do soldado que acertou uma coronhada na testa do amigo. A angústia lhe tomou como um soco no estômago. Eram cenas de um terror real. Três milicos ergueram e carregaram como um fardo o corpo do companheiro desacordado. Ainda inerte, apenas testemunhou o colega sumir na névoa que envolvia o seu pensamento. Num ímpeto, rompeu as correntes que o aprisionavam e soltou um grito de tormento, saltando

da cama encharcado de suor.

Receberam o sinal positivo no aparelho que reunia a célula comunista do Julinho. Era a confirmação de que o pai da companheira iria viajar. Após rápida votação, o assalto ao apartamento da avenida Cauduro ficou decidido para aquele final de semana. Mário, que era o mais ansioso, após planejar durante semanas a ação, agora estava receoso. Entretanto, a essa altura, os inexperientes revolucionários estavam cegos ao perigo. Afoitos pra ingressarem na luta armada, resolveram levar o plano adiante.

A noite recém caíra quando se encontraram em frente ao auditório Araújo Viana. Após uma breve conversa, atravessaram a Osvaldo Aranha e entraram na pequena avenida do Bom Fim. Sorrateiramente, arrombaram a porta de serviço. Mário foi o primeiro a entrar.

“Chutes, socos e cacetadas. Mário estava imóvel... Tentou gritar mas estava mudo.”

Com passos leves deslocou-se até a sala, seguido pelos demais companheiros. A escuridão era enorme, não se enxergava dois passos à frente. Lisboa tentou ascender as lâmpadas da casa, mas não conseguiu. Percebeu que a chave geral de luz do apartamento havia sido desligada. Primeiro obstáculo ao plano. Ninguém tinha lembrado de levar lanternas ao assalto. Sem opções, improvisaram tochas com panos e papéis.

Enquanto circulavam pelo apartamento, o fogo iluminava o suor que escorria pelos rostos assustados dos jovens aprendizes de guerrilheiros. Emudeceram durante os minutos que reviraram as dependências em busca das armas do chefe do Serviço de Inteligência do Exército. Podia-se até ouvir o estalar da chama das luminárias improvisadas. Mas mesmo vasculhando minuciosamente o local, conseguiram localizar

somente uma metralhadora, algumas munições e uma granada, insuficientes demais para enfrentar um exército. Cabisbaixo, Lisboa nem percebeu quando um dos rapazes, desastrosamente, deixou cair uma tocha, quase iniciando um incêndio. Mário olhou ao redor e percebeu o medo estampado em seus companheiros. Lembrou-se do pesadelo. Era hora de desistir. Inconformados e abatidos, penetraram nas sombras e desapareceram com o vento, sem nunca serem descobertos.

Eu e Gustavo estávamos de mãos dadas. Cada um segurava um pólo do fio. Naquele dia, nem eu, nem ele havíamos largado as mãos durante a sessão de choques elétricos. Eu costumava fazer isto antes para me poupar de vê-lo sendo torturado no pau-de-arara. Preferia sentir a dor antes.

Alguém puxou meu cabelo. Depois de uma hora de choque não podia distinguir mais nada, nem ninguém. Colocaram uma faca no meu pescoço. Machucava, mas não reagi. Não havia mais forças. Gritaram que aquela era a última vez que Gustavo me veria viva. Ele levantou a cabeça e eu pedi a Deus que ele não me olhasse daquele jeito que eu tanto recriminava. Minhas preces não adiantaram. Gustavo me olhou como se fosse a última vez.

Apertaram a faca no meu pescoço e a lâmina penetrou a minha pele. Meu sangue estava quente. Me encapuzaram e jogaram na famosa Kombi de passeios. O barulho do motor ecoava na minha cabeça. Eu sentia sede, meu corpo doía. Tentei me concentrar no tempo e na distância para adivinhar onde estariam me levando. Mas, naquele momento, eu já havia perdido qualquer noção da realidade.

De súbito, frearam. Tentei imaginar que lugar era aquele onde não havia qualquer tipo de ruído. O silêncio começou a me desesperar. De repente passos. Aproximaram-se sutilmente até a porta da Kombi. Um deles colocou a mão na maçaneta para abrir a porta.

- Não.

- É a nossa chance. Ou agora ou nunca.

- Tu enlouqueceu? É a Martinha! Vai dar muito na cara.

- Do que tu tem medo?

- Cara, ela pode estar ouvindo. Vem cá, vem cá.

Os passos se afastaram. Para mim estava mais claro que havia chegado a minha hora. Vão me matar. Vão me morrer. Eu vi darem sumiço em tanta gente, mas nunca havia imaginado que aconteceria comigo. Os dois continuaram a discutir. Não entendia por que um deles me defendia com tanta veemência. Mas já estava quase cedendo à euforia do outro. Discutiram por muito tempo. Ouvi "apagar" várias vezes. Eles iriam me apagar. Tentei imaginar quais seriam os meus pecados para que eu morresse naquela ocasião. Já tinha pego em armas pesadas, participado de expropriações bancárias, mas nunca tinha ameaçado tirar a vida de ninguém. A discussão parecia se prolongar por horas. Meu desespero foi sucumbindo ao cansaço. Acordei num susto.

- Vou morrer? — perguntei.

Me encapuzaram e novamente me colocaram na Kombi. Enfim, decidiram. Me sentaram em uma cadeira. Tiraram o meu capuz. Olhei ao redor. Estava em uma sala de paredes amareladas que imediatamente reconheci. Era o DOPS. Abre-se uma porta atrás de mim e alguém entra. Não olho para trás. Nunca. O reitor da UFRGS senta na minha frente com expressão de alívio. Sorri. Segura a minha mão.

- Martinha, estás bem?

- Não.

- Eles me diziam que tu estavas bem, mas não me permitiam te ver.

- Por quê?

- Tu não imaginas a mobilização que o pessoal da universidade está fazendo. Eles querem te tirar da prisão. Eles exigem ter provas de que estás bem.

Sorri. Eu estava viva.

A umidade impregnava os ossos. Afastou-se da parede e apoiou as costas na madeira do banco. O mofo acentuara ainda mais sua tosse. Sentiu a ardência no peito e, como das outras vezes, soltou a secreção ensanguentada dos pulmões. Era a única parte do corpo que ainda sentia. O restante continuava adormecido da última sessão. Naquela escuridão málcheirosa, mesmo dividindo os pouquíssimos metros do cubículo com aproximadamente cinco criminosos comuns, ele se sentia seguro. Podia finalmente tentar dormir aliviado.

Acordou com o barulho da tranca.

Pisoteados pelos invasores, os outros presos protestaram. Tudo em vão. Agarraram seu braço num solavanco e no mesmo impulso o jogaram contra a grade. O corpo franzino sequer tomou conhecimento. Esparramou-se pelo chão e esperou novo ataque. A pouca força do menino que mal havia completado a maioridade há muito se esgotara. Novamente foi levado à salinha.

Mesmo dormente sentiu os dois pólos encostarem seus testículos. A dor o consumiu. Já não havia mais o que fazer para desestruturá-lo. Após intermináveis suplícios, a primeira pergunta. E com ela a resposta para mais essa tortura. Nem mesmo adiantou negar, pois a revelação já era fato. A violência extrapolava os

limites humanos. A cada inspiração pensava ser sua última. Indignados com a omissão do jovem comunista, os agentes do regime tinham resolvido cobrar caro a conta pelo irmão ativista recém descoberto.

Interminável, foi a impressão que ficou daquela madrugada. Ao retomar a consciência reconheceu a cegueira. Retornara à sala de espera. Mais uma vez vestia o capuz. Embora sempre vendado, conhecia cada palmo daquele salão fixado nos confins do Palácio da Polícia. Naquela corredor soturno, com apenas alguns bancos espalhados pelos cantos, acotovelavam-se dezenas de militantes políticos vendados e amarrados, aguardando a sua vez. Ainda irritados com o seu silêncio, cada vez que cruzavam a sala



“O companheiro respondeu com a contra-senha errada e virou-se”

os policiais do DOPS aproveitavam para agredir o indefeso Minhoca. E um deles, particularmente, lhe causava pânico. Sua brutalidade em muito ultrapassava um castigo, beirava a bestialidade.

Sentado, tentando recuperar o fôlego perdido durante o último acesso de tosse, Minhoca percebeu os joelhos tremerem continuamente. Era o sinal de pavor que seu corpo emitia ao sentir a presença de Nilo Ervelha. Instintivamente, encolheu-se contra a parede. Não tardou pra sentir o bico da botina nos rins. No mesmo instante perdeu os sentidos. Os constantes pontapés desferidos contra o jovem ativista da Vanguarda Popular Revolucionária sempre respingavam nos prisioneiros próximos. Aos poucos, num movimento natural de defesa, os companheiros de prisão foram se afastando, na tentativa de preservarem-se das investidas brutais.

Isolado no centro da sala, com o capuz a lhe encobrir a visão, o gurí de idéias arrojadas e coragem suficiente para enfrentar seguidas sessões de tortura em nome de uma causa, enfim sentiu medo. Tomou-lhe um frio na barriga de forma tão intensa que por pouco não desmaiou. Após inútil resistência, deixou correr as lágrimas. Chorou copiosamente durante horas.

Por baixo da venda, Isko Germer percebeu o sofrimento do garoto desconhecido. Rastejando o corpo completamente mutilado e machucado, o tenente da Brigada Militar se aproximou e, num ato de solidariedade, abraçou-se em Minhoca apanhando junto com ele durante toda a noite. O garoto assustado, por uma noite, sentiu-se seguro com a proteção paternal de Germer. Olhou para

o rosto do oficial revolucionário e dormiu sonhando com o semblante de seu pai, sindicalista ferroviário de Santa Maria, que amargava encarcerado toda a violência do sistema em nome da causa defendida pelos filhos militantes.

Artur Mangabeira se aproximou cuidadosamente do ponto na praia de Botafogo. Encontrar-se com os companheiros nos pontos era sempre uma situação tensa. Nunca se sabia quem podia estar esperando. Olhou ao redor, com cautela, para não deixar vestígios se a situação fosse imprópria. Aproximou-se do rapaz de costas e disse a senha. O companheiro respondeu com contra-senha correta e virou-se.

- Some da área por enquanto que vai haver uma ação grande. Te cuida porque a repressão vai baixar forte.

Mas Artur Mangabeira tinha marcado outro ponto à tarde. Não era de deixar ninguém na mão. Resolveu dar um tempo num cinema ali do bairro. Quando as luzes se apagaram, abriu silenciosamente o fecho da pasta preta que sempre carregava a tiracolo. Tateou o interior da bolsa até encontrar o trinta e oito. Por precaução, resolveu ficar com a mão dentro da pasta com a arma pronta para alguma emergência.

Um vulto se aproximou e sentou-se ao seu lado. Artur engatilhou a arma. De repente, sente uma mão em seu ombro. Artur não hesita. Saca a arma e aponta para a cabeça do indivíduo, que se põe a gritar com uma voz desafinada. As luzes se acendem e antes que Artur perceba que deve fugir, fita o indivíduo em lágrimas. Um travesti. Artur corre sem saber o final do filme.

Artur pega vários ônibus para lados opostos da cidade até ter a certeza de que ninguém o persegue. Pára na frente do boteco. Na televisão anunciam que o embaixador dos Estados Unidos foi seqüestrado. Hora de não vacilar e correr para o aparelho.

A rua está tranqüila, aparentemente segura. Passa uma, duas vezes na frente de seu aparelho. Antes de entrar, Artur Mangabeira esguicha o olhar para a pessoa apoiada no muro do outro lado da rua que aponta algo para ele. Click. Pior que uma arma, a câmera fotográfica registra sua imagem. Artur faz sinal e pára o táxi que ia passando. Tem o cuidado de não olhar para trás para não cometer o mesmo erro.

- Para onde? — o taxista indaga.

- Porto Alegre.

Artur Mangabeira se aproximou cuidadosamente do ponto. Encontrar-se com os companheiros nos pontos era sempre uma situação tensa. Nunca se sabia quem podia estar esperando. Olhou ao redor, com cautela, para não deixar vestígios se a situação fosse imprópria. Aproximou-se do rapaz de costas e disse a senha. O companheiro respondeu com a contra-senha incorreta e virou-se. Artur não teve tempo para fugir. Pior que a câmera, muitas armas estavam apontadas para ele.

Grítos e palavras de ordem ecoavam nos edifícios da avenida Salgado Filho. Naquele final de década, o Brasil iniciava o lento processo de abertura política. O vereador cassado, Marcos Klassmann, assistia à passeata de protesto contra a ditadura militar organizada pelos militantes de

extrema esquerda da cidade no centro da capital. O grupo não era muito grande, porém o objetivo era chamar a atenção do público. Em marcha entre os carros e pedestres eles foram surpreendidos pelo cerco da Brigada Militar. Em poucos segundos, a manifestação foi dissipada à força. Durante o tumulto, Marcão reconheceu um amigo, estudante de artes cênicas e membro da corrente estudantil Libelu, sendo brutalmente espancado pelos policiais. Instintivamente, saiu em socorro de Jucemar. Mas na tentativa de defender o estudante da ira policial, acabou virando alvo. Surpreso, ouviu o guarda que o agarrou pelo braço dizer: - É tu mesmo que a gente quer!

De imediato foi imobilizado por mais alguns policiais e arrastado pela Salgado Filho, a chutes e pontapés, em direção à avenida Borges de Medeiros. Durante essas poucas quadras que percorreu, não conseguia acreditar que estava passando novamente por aquela situação em pleno período final da repressão. Afastado da manifestação, na Esquina Democrática foi jogado numa viatura e conduzido a uma sala na estação rodoviária, uma espécie de triagem policial. Ainda atordoado com o ocorrido, foi transferido para uma cela da sede do DOPS, no Palácio da Polícia, onde permaneceu por 48 horas. Tempo marcado por uma grande angústia, que ardia como mais uma cicatriz provocada por aquele regime.

"...Diante dos fatos, só me cabe dizer aos trabalhadores: eu não vou renunciar. Pagarei com minha vida a lealdade do povo. Neste momento difícil, é possível que nos humilhem. Porém a história não se detém nem com a repressão nem com o crime. Estejam certos que o amanhã será do povo, será dos trabalhadores".

A voz silenciou num estouro. Ainda fixados no pequeno radinho de pilha, os jovens revolucionários brasileiros foram jogados para trás pelo impacto de uma das dezenas de bombas que choviam sobre La Moneda. André levantou rapidamente. Protegido por uma das raras árvores da praça junto ao palácio presidencial, olhou para o céu cinzento cortado por caças da Força Aérea. Com apenas um velho 38 em punho, espreitava uma oportunidade de penetrar no imponente prédio que ardia em chamas para lutar ao lado das forças leais ao governo de esquerda. Mas os asilados políticos brasileiros sequer conseguiram se aproximar do front. Na expectativa de receberem as armas enviadas por Fidel Castro, que não puderam ser distribuídas a tempo de armar a militância, os guerrilheiros apenas assistiram aos atos encenados pelo exército chileno. Mesmo diante da ferocidade do ataque, Allende se manteve fiel as suas palavras, saindo da sede do governo somente carregado num caixão.

A espessa cortina negra de fumaça que envolvia a região cobriu de angústia as esperanças do estudante de Passo Fundo, banido de seu



Foto: ACERVO DE LUTAS CONTRA A DITADURA/MEMORIAL RS

país, de enfim viver sob a administração de um governo democrático popular. André, naquela nuvem, reviu passeatas, assaltos, prisões, torturas, e, principalmente, a morte, que sadicamente aplaudia a barbárie. Esse flash horrendo trouxe a memória suas árduas batalhas para concretizar os seus sonhos. Como era lúgubre o tormento de viver num regime ditatorial.

Em sua breve estada do outro lado dos Andes, aprendera a respeitar e admirar a garra daquele povo, que agora, infelizmente, sentia na carne a amargura de uma ditadura. Nos dias que se passaram ao golpe, assistiu amigos desaparecerem, amigos morrerem. A tirania de Pinochet lavava de sangue as ruas de Santiago. Em questão de dias, socialistas, comunistas e idealistas de uma nação plural e igualitária, desabaram ao ritmo de uma só nota, emitida de canos cerrados. As arquibancadas vazias do Estádio Olímpico eram as únicas testemunhas do campo de concentração instituído ali aos inimigos do novo regime.

Acuado, André sobreviveu um mês com a mulher e o filho recém nascido sob a ameaça constante de cair nas mãos do exército. O terror era maçante. Sabia que naquelas circunstâncias não sobreviveria a uma prisão. No limite entre a razão e a emoção, despachou a família de volta ao Brasil, e jogou-se à própria sorte. Era um dos últimos estrangeiros exilados a ainda se arriscar no holocausto andino. Com as fronteiras fechadas e as embaixadas abarrotadas de perseguidos políticos, tentou a proteção das Nações Unidas. Em vão. Sua segurança não podia ser garantida pela instituição. Em desespero, sabia que sua única alternativa era a imunidade diplomática. Num gesto insano, rompeu de corpo aberto a trincheira montada em frente à embaixada argentina. Segundos intermináveis de uma corrida sem destino certo. A qualquer passo daquela prova, uma bala podia rasgar-lhe a pele, pondo, definitivamente, fim a sua trajetória. Com a respiração ofegante tocou a parede do prédio. Estava dentro. Estava vivo. Estava iniciando mais uma jornada.

As buzinas ecoam pela cidade. Agitada, minha neta corre pela sala rodopiando com uma das muitas bandeiras do PT que tenho pela casa. Atenciosamente ela pára e observa a minha desanimação.

- Vó Ignez, agora o Lula é presidente?

- É, meu amor.

- E tu não tá feliz?

- Estou, meu amor, mas já está na hora de dormir.

- Mas ele vai falar. Olha ali, já está falando...

- Hora de dormir.

Desligo a televisão e sob protestos levo a menina para a cama. Me deito, mas não apago a luz - resquícios da ditadura. Meus pensamentos não me deixam dormir. Este não é nem de longe o governo pelo qual eu lutei. Não quero, não vou me impressionar à toa. Me sinto incompleta, insatisfeita. Verifico se minha neta já dor-

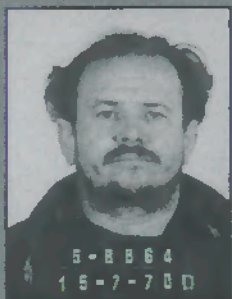
miu. Silenciosamente, vou até a sala e ligo a televisão. Não sou mais a Martinha radical de antes. Acabaram os tempos de radicalismo. Lula discursava. Sinto meu coração bater forte. Ao menos já demos um passo.

Um dos 23 coordenadores regionais do PT na campanha eleitoral de 2002, Klassmann subiu junto com outros líderes petistas ao palanque construído no Largo da Epatur para saudar a vitória de Lula. Surpreendeu-se e viajou no tempo ao se perceber, novamente, junto do companheiro Flávio Koutzii numa peleia política. Mais de três décadas depois de se engajar nas lutas por liberdade e democracia, Marcão tinha intactas na memória as lembranças do "Comitê pela Libertação do Flávio Koutzii". Incansável militante político durante a ditadura, Koutzii foi severamente perseguido pelo regime. Sem opções, decidiu fugir para a Argentina, onde foi surpreendido pelo golpe de estado portenho, caindo novamente em prisão. A partir da denúncia de brasileiros exilados de que Koutzii estava sendo violentamente torturado pela ditadura argentina, Marcão coordenou a criação do comitê que, através de assembléias, passeatas e muito barulho, exigiu a libertação do militante gaúcho. Naquele momento, a lembrança fugaz dos tempos sombrios pelo qual passaram submergia diante da sensação de dever cumprido, alcançada ao presenciar o operário de Pernambuco chegar democraticamente ao poder.

A contagem dos votos estava quase finalizada. A rádio e a televisão anunciavam que Lula era o novo presidente do Brasil. Tirou o carro da garagem e rumou para o Largo da Epatur, onde sabia que todos os companheiros se encontrariam para comemorar. Deu voltas pela cidade para encontrar um caminho menos congestionado. Os carros, as buzinas, as luzes, tudo estava em ritmo de festa. Uns pelo futuro presidente, outros pelo futuro governador. Depois de quatro anos trabalhando para o PT do Estado, Calino sentia-se dividido entre a vitória de Lula e a derrota de Tarso. Alguns de seus projetos tiveram que ser adiados, outros ficaram pela metade. Calino resolveu voltar para casa. Ainda não era hora de comemorar. Resolveu esperar mais quatro anos para a vitória ser completa.



Carlos Alberto De Ré, o Minhoca, 51 anos, iniciou sua história política como ativista estudantil do Colégio Júlio de Castilhos. Engajado nas atividades contra a ditadura, militou no Partido Comunista Brasileiro (PCB), e mais tarde na luta armada, através da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Mesmo após a abertura democrática, não se afastou da atividade política. Atualmente é assessor técnico do PDT na Assembleia Legislativa gaúcha e organizador do Acervo de Lutas contra a Ditadura do Memorial do RS.



Afilhado de espada do ex-governador Leonel Brizola, o tenente Isko Germer, ao longo da ditadura, lutou bravamente contra o regime. Guerrilheiro notável, teve participação direta na

guerrilha de Caparaó, liderada por Brizola e em ações de luta da VPR. Preso dezenas de vezes, Germer amargava o ódio da alta cúpula da Brigada Militar que o considerava um traidor. Entretanto, tinha a admiração e carinho dos soldados e sub-oficiais da corporação. Veio a falecer em 1996, vítima de câncer, após ter sido anistiado e reformado como capitão.



Cláudio Gutiérrez, 54 anos, ex-militante do PCB e da VPR, ficou conhecido pelos companheiros na luta contra a ditadura como Mário. Após a abertura política, Gutiérrez deci-

diu escrever sobre suas experiências no livro "A Guerrilha Brancaleone". Ainda atuante na causa, o ex-revolucionário é um dos organizadores do Acervo de Lutas contra a Ditadura do Memorial do RS.



Luís Eurico Lisboa, durante sua intensa militância política no período militar, foi preso e desapareceu. Sua mulher, Susana Lisboa, até então ausente da atividade

política, organizou uma árdua mobilização para localizá-lo. Porém, mesmo com todos os familiares e amigos esperançosos de encontrá-lo vivo, ainda na década de 70 sua morte foi confirmada. Eurico se tornou o primeiro desaparecido político da ditadura militar a ser encontrado o corpo.

Sentado em sua sala, assistia pela televisão a diplomação no Congresso do novo Chefe de Estado brasileiro. Vivía mais uma experiência democrática. Vitória eufórica para quem há pouco mais de duas décadas nem mesmo possuía cidadania. Assim como tantos brasileiros, Bona Garcia foi obrigado a correr o mundo expatriado pelo regime militar. Fim extremamente doloroso para o jovem que lutara de forma tão intensa pelo país. Porém, após muitas andanças, o ex-revolucionário banido retornou com a anistia para reconquistar seus direitos civis. Reconheceu a semelhança das palavras emocionadas proferidas com as de um velho discurso. O radinho de pilha tomou forma em frente ao palácio La Moneda. Seria a previsão do mártir chileno de um amanhã governado pelos trabalhadores se concretizando? Tímidas, suas lágrimas derramaram simultaneamente às do brasileiro sem diploma, que em seu primeiro título ostentava a Presidência da República.

Em frente à pequena adega, Minhoca apanhou a garrafa da espumante espanhola que ganhara de uma amiga há alguns anos. Lavou-a cuidadosamente e a mergulhou num balde de gelo. Escolheu na cristaleira as taças de cristal herdadas da avó, reservadas a momentos excepcionais, e colocou-as em cima da mesa, ao lado do balde. Ansioso, saiu em direção ao comitê para acompanhar a apuração. Ao final da noite um sentimento ambíguo dividiu sua alma. Mesmo com a vitória de Lula, sentia-se frustrado pela derrota de Tarso. Mas aos poucos a dor foi arrefecendo, afinal nunca tinha vivido prazeres absolutos. Retornou com sua companheira para casa e abriu a champanhe. Com a rolha estouraram lembranças de velhos amigos e companheiros que investiram a vida no país. Serviu as taças e, ao primeiro gole, enxergou na superfície do líquido borbulhante a imagem do tenente Isko Germer. Num gole seco, tentou desamarrar o nó que lhe obstruiu a garganta, enquanto uma solitária lágrima escorreu pela face.

Após acompanhar atento a apuração dos votos que consagraram Luiz Inácio Lula da Silva Presidente da República, Cláudio Gutiérrez foi ao encontro dos amigos, no Largo da Epatur. Pensativo, ouvia vozes ecoarem em sua cabeça. O passado fazia questão de voltar.

Dentre os milhares de rostos anônimos que extravasavam seus sentimentos na festa popular, reconheceu o de Susana Lisboa. Aproximou-se e cumprimentou a companheira de lutas. Mais lembranças a floraram. Com um sorriso carinhoso ela comentou que estava acompanhada de alguns velhos amigos. Gutiérrez olhou para o lado e percebeu-os parados. Mário e Eurico Lisboa, ainda tão jovens quanto no dia do assalto ao apartamento da avenida Cauduro. O choque foi uma mistura de surpresa e dúvida. Os dois sorriam como meninos. Sentiam-se parte da festa. Gutiérrez olhou estarrecido para Susana indagando uma explicação. Ela, indiferente ao seu espanto, despediu-se e se dirigiu à companhia dos amigos que estavam numa rodinha próxima. Mário e Lisboa não se moveram, continuaram ali, saboreando a vitória de sua geração. ■



O Dr. João Carlos Bona Garcia, 56 anos, vulgo André, um dos 70 guerrilheiros libertados em troca do embaixador suíço no auge da repressão, diariamente ratifi-

ca sua integridade no cargo de presidente do Tribunal Militar do Estado do Rio Grande do Sul. Formado em Economia na França após viver exilado no Chile, Argentina e Argélia, cursou a faculdade de Direito ao retornar ao Brasil. Ingresso como juiz de direito no Poder Judiciário, é o primeiro e único ex-presos político a presidir um tribunal militar no país.



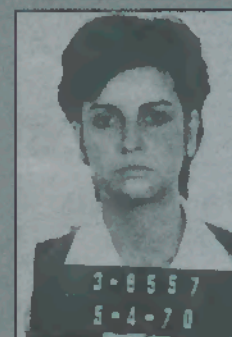
Marcos Antônio Klassmann, 48 anos, após ter sido eleito, em 1977, vereador da capital com 12.118 votos, o quarto mais votado no pleito, tornou-se o último

gaúcho cassado pelo Ato Institucional Nº 5, dezessete dias depois de ter assumido a vaga, por defender e repetir o discurso em favor dos direitos humanos do vereador Glênio Peres, que também teve seu mandato cassado, quinze dias antes. Atualmente afastado da política, Klassmann atua como assessor de imprensa.



Calino Pacheco, ou Artur Mangabeira, 54 anos, iniciou cedo na vida política por influência do pai, ligado ao PCB. Em 1968, entrou para a direção da União Gaúcha de Estudantes

Secundaristas (UGES) e pouco depois integrou-se à Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), militando no RS, RJ e em MG. Atualmente, Pacheco é economista e técnico da Federação de Economia e Estatística (FEE).



Ignez Serpa, a Martinha, 54 anos, desde os 14 estudava por conta própria as doutrinas marxistas. Quando estourou o golpe, estava se preparando para estudar na Rússia. Em 1969, entrou para a VAR-

Palmares, onde treinou e participou de práticas de guerrilha. Hoje, Ignez é médica veterinária e assessora de planejamento da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre.

EDUCAÇÃO

Desafios da escola pública

Lula enfrentará burocracia no setor da educação

Por ANA MARIA ROSA

A eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi recebida com esperança de melhorias em algumas das alas do setor da educação, tema fortemente explorado nos tempos de campanha. Apesar disso, os atores deste cenário entendem que tudo o que for possível melhorar vai passar por um teste de realidade: a burocracia arraigada das universidades e do sistema de ensino em geral. As intenções do novo governo só serão realizadas se algumas pessoas dentro desse sistema permitirem.

O vice-reitor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Lúcio José Botelho, com seu discurso pronto de quem agora pode mostrar o que antes talvez tivesse de manter em silêncio, afirma que a perspectiva de mudança é animadora. Ele argumenta que Lula é alguém que militou durante anos pelo aumento no número de vagas e pela manutenção do ensino público gratuito. "Todos os projetos de aumento de verba para a educação nos últimos 20 anos saíram do Partido dos Trabalhadores", afirma o vice-reitor. Por isso, ele aguarda soluções nesta área. "Não espero grandes transformações, porque um projeto de governo não se faz em quatro anos", afirma. Botelho acredita que a maneira como os projetos serão elaborados poderá permitir uma reeleição e muitas melhorias a longo prazo.

Maria Cristina Schubert, professora de ensino fundamental, diz que nem sabe se a mudança de presidente terá algum efeito nas escolas onde leciona. Maria Cristina trabalha em uma escola municipal e uma estadual de Triunfo. Ela comenta que o modo de trabalho e os recursos disponíveis são diferentes nos dois casos: na escola estadual tudo funciona; já na municipal, falta organização e a disponibilidade de materiais é precária. Mesmo assim, nenhuma das escolas



Foto: J. C. RANGEL

disponibiliza computadores para uso dos alunos.

Maria Cristina comenta ainda que nunca foi muito ligada às greves de professores, mas acredita que a mudança no governo do Estado pode gerar alguma manifestação.

O professor universitário Arden Zylbersztajn, da UFSC, afirma

que tem esperanças de que o governo estará um pouco mais atento às questões do Mercosul, levando em conta a integração latino-americana. Zylbersztajn diz também que espera que o novo Ministério de Ciência e Tecnologia se preocupe mais com o caráter social dos seus investimentos. Sobre a questão de verbas para as universidades federais, o professor diz: "Eu acho que não vai ser fácil. Não vai ser nesse primeiro ano que o governo solucionará tudo."

Outra ala que está esperando

mudanças é a dos funcionários das universidades. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), os funcionários têm suas reivindicações centralizadas pela Associação dos Servidores, a ASSUFRGS, coordenada por Bernadete Menezes. Ela afirma que Lula ter sido eleito "foi uma vitória da classe trabalhadora". Bernadete diz que a organização possui muitas expectativas, mas também preocupações. "Esperamos que o governo abra concursos, melhore os salários e também garanta a questão social", afirma.

Quanto às preocupações, Bernadete diz que não sabe "como o governo vai atender às demandas sem combater os gastos em outros pontos, como o pagamento da dívida". Ela se mostra frustrada porque Lula assumiu o compromisso de pagar a dívida externa, mas espera que ele gere outros recursos que dêem conta das prome-

sas de campanha.

Falando da perspectiva de greve, Bernadete disse que o governo precisa de um tempo "para arrumar a casa". Os funcionários estão dispostos a esperar este tempo sem paralisações, mas ela afirma que não podem admitir a perda de direitos históricos que aconteceriam com a reforma da previdência: "Nós vamos esperar algum tempo pela melhoria de salário, mas se ocorrer a perda de direitos, vamos fazer greve. Isso nós não podemos admitir."

Olhando para todos estes quadros da educação no país, as expectativas são muitas, algumas mais afoitas do que as de outros. O governo Lula terá de ter jogo de cintura para dar conta do recado, mas o setor da educação ainda vai dar um tempo para o presidente arrumar a casa. Quando acharem que tudo estiver em ordem, a pressão vai aumentar. ■

"Todos os projetos de aumento de verba nos últimos 20 anos saíram do PT." (Lúcio Botelho - UFSC)

"Se ocorrer perda de direitos, faremos greve." (Bernadete Menezes - ASSUFRGS)

POVO

Lula é a cara da esperança

Com um governo voltado para o povo, Lula faz renascer a esperança de um Brasil melhor

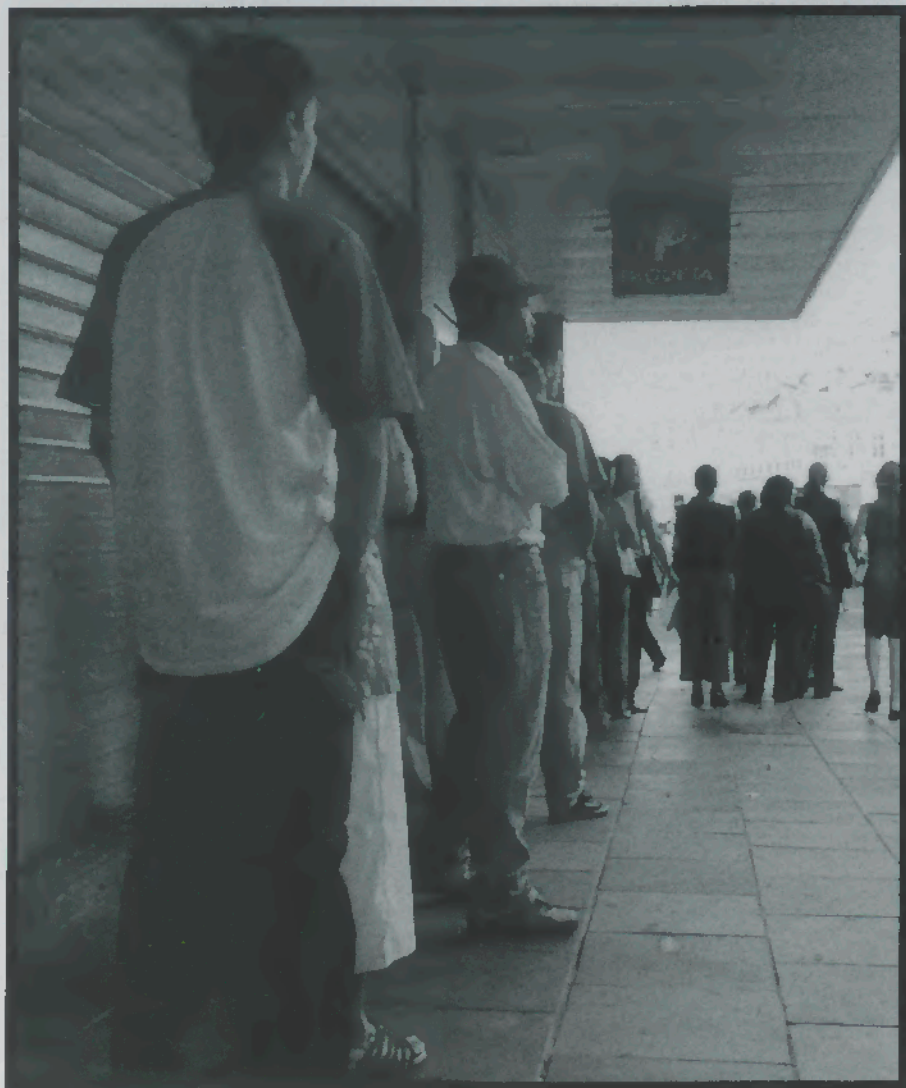
Por GISELE LOEBLEIN e ALEXANDRA BICA BORGES

O governo de Luiz Inácio Lula da Silva dá sinais de que será lembrado como um governo popular. A começar pelo próprio presidente, que foi "povão", trabalhou e lutou muito como sindicalista e hoje chega ao Palácio do Planalto. Depois de três tentativas frustradas, em 89, 94 e 98, Lula finalmente conseguiu realizar o sonho de estar na Presidência da República. Então, quem melhor do que o povo para opinar sobre o futuro do país? Quem melhor do que a Maria, o José, o João, que todos os dias acordam cedo para trabalhar? Quem melhor do que o trabalhador desempregado, que engrossa as filas das Casas do Trabalhador e das agências de emprego, na esperança de conseguir uma oportunidade? Quem melhor do que o aposentado? Enfim, quem melhor do que o cidadão comum, que sabe das dificuldades do dia-a-dia e conhece de perto a ameaça da insegurança?

O fenômeno da popularidade de Lula, expressa em números e opiniões, não era visto desde os tempos de Getúlio Vargas. Lula é abraçado, beijado, parado por pessoas que querem tirar fotos, dar um aperto de mão. O povo não quer perder os detalhes do novo presidente e fez questão de estar presente até mesmo na cerimônia de posse. Foram dezenas de milhares de pessoas vindas de todo o país, querendo saudar de perto o ex-metalúrgico e ex-líder sindical, Luiz Inácio Lula da Silva.

3x4 decidiu ouvir pessoas "desconhecidas", que normalmente não aparecem nas páginas de jornais e revistas. Pessoas que têm muito a dizer, ilustres brasileiros que fazem o país crescer e que são atingidos diretamente pelo descaso, incompetência e abandono dos governantes.

Foto: JOÃO GUEDES



Fotos: GISELE LOEBLEIN



Sem chances de decepção

Valdir Cardoso Machado, 59 anos, está muito confiante no governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Quando fala sobre o novo presidente, tem a segurança de quem acredita que a experiência de vida pode ser usada para vencer as artimanhas do poder.

"Não tem chance de o Lula nos decepcionar. Ele vai fazer o que pode; não vai deixar o trabalhador na mão", argumenta Valdir.

E, como trabalhador, Valdir também tem longa experiência. Aos 12 anos já exercia uma atividade profissional. Depois de ter desempenhado diversas funções, como auxiliar administrativo, supervisor de segurança e chefe de seção, ele conquistou a aposentadoria. Mesmo assim, continua trabalhando. Já está há 20 anos atuando como zelador.

Para Valdir, a prioridade de Lula deve ser a questão da aposentadoria. Ele reclama da "desvalorização do benefício". Conta que, quando se aposentou, recebia cinco salários mínimos e agora recebe apenas três.

"Lula veio lá de baixo. Era um metalúrgico, então sabe como é depender de um salário, como é a vida, como é ter que garantir o pão de cada dia", completa Valdir.

A confiança na mudança existe, mas o zelador também está ciente da limitação imposta pelo tempo de mandato. Para ele, o primeiro ano será de poucas mudanças. Mas ao longo do governo, "muita coisa deve melhorar", ainda que quatro anos sejam um "período curto".



O fim do estilo engravatadinho

Trabalhando como doméstica há 15 anos, Rosimari Silva da Silva, 43 anos, se identifica com o presidente até mesmo no nome.

Moradora do bairro Partenon, em Porto Alegre, Rosimari na verdade acumula uma dupla jornada de trabalho. Pela manhã, ela é a responsável pela limpeza de um edifício e à tarde, assume o papel de funcionária pública da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Cheia de expectativa, Rosimari aguarda mudanças na área do trabalho, saúde e segurança.

Ela reconhece que a confiança depositada pelas pessoas no novo presidente "tem muito a ver com a figura dele". Afinal, Lula "também foi trabalhador e teve que lutar para crescer".

Para a doméstica, o sucesso da figura de Lula e a expectativa positiva que cerca a mudança de governo têm uma explicação: "O povo cansou do estilo engravatadinho".

Apesar de não ter votado em Lula nas outras eleições, Rosimari diz que, desta vez, ele estava mais preparado para assumir o cargo. E conta que se emocionou no dia da posse do novo presidente: "Até chorei. Foi muito emocionante ver um metalúrgico virar presidente".

E quando fala do futuro, Rosimari é "só otimismo". Há apenas uma pequena preocupação: "Meu único medo é que mudem a cabeça do presidente. Mas acho que não, porque o Lula é o Lula e nunca vai mudar", conclui.



“Quem nunca foi pobre, não sabe o que é lutar”

Argemiro Soares de Vargas tem 64 anos e de segunda à sexta segue a mesma rotina. Acorda cedo e deixa a cidade de São Leopoldo, onde mora, para ir até Porto Alegre, onde trabalha. Depois de uma viagem de aproximadamente quarenta minutos, Argemiro ainda tem pela frente uma jornada de oito horas de trabalho.

Ele trabalha como gari e é o responsável pela limpeza de quatro ruas do bairro Cidade Baixa. Funcionário de uma empresa terceirizada que presta serviços para a Prefeitura de Porto Alegre, Argemiro trabalha com satisfação. Não reclama da jornada diária (além do meio turno que deve ser feito no final de semana) e é sempre muito solícito.

Ele se mostrou bastante otimista e confiante, quando perguntado sobre Lula. Acredita que o novo presidente “vai fazer muita coisa boa”. A grande expectativa de Argemiro é com relação à aposentadoria, numa referência às possibilidades de mudanças na área da Previdência Social.

Muito sereno, o gari aposta no que todas as pessoas vêm dizendo: Lula é uma pessoa muito batalhadora e já foi um trabalhador. E o fato de Lula já ter tido uma rotina igual a de muitos brasileiros, aumenta o grau de esperança e confiança nele depositadas.

A figura e a luta do novo presidente parecem cativar Argemiro: “Quem nunca foi pobre não sabe o que é lutar”.

Mesmo muito otimista com relação ao novo governo, Argemiro também diz não ter queixas contra o governo FHC. Para ele, o ex-presidente teve o mérito de controlar a inflação “durante muito tempo”.

RELATO DAS REPÓRTERES

A fila da esperança

* Os nomes dos entrevistados são fictícios, já que as repórteres não se identificaram.

No processo de discussão da pauta, surgiu a idéia de vermos de perto como era a situação de quem está em busca de um emprego. Não como repórteres, mas como pessoas que também estão em busca de uma oportunidade.

Pretendíamos captar a espontaneidade perdida com a máquina fotográfica e com o gravador. Em uma manhã de dezembro, acordamos cedo e fomos em direção à Casa do Trabalhador, na Avenida Borges de Medeiros, centro de Porto Alegre, como se também estivéssemos em busca de uma vaga.

A fila que se forma antes mesmo que a Casa abra suas portas serve para garantir que se consiga uma das senhas distribuídas diariamente.

Quando chegamos, a fila já era longa. Gente de todo o tipo: mulheres, homens, brancos, negros, jovens, pessoas de meia idade, com ou sem experiência alguma.

Alguns em busca do primeiro emprego, como Luana, de 18 anos, que há poucos dias da conclusão do ensino médio já saiu em busca de uma vaga no tão disputa-

do mercado de trabalho. Mesmo estando na fila pela primeira vez, a jovem já conhecia de perto o que é o desemprego: sua mãe está há seis meses procurando um posto de trabalho. A angústia era a companheira da garota, que esperava sair dali encaminhada para uma vaga e assim pudesse garantir à sua família um Natal mais feliz.

Foram necessários cinco minutos para que ela nos falasse das dificuldades enfrentadas pela família. Enquanto falava das suas angústias, sem que tocássemos no assunto, Luana declarou-se confiante na eleição de Lula. Em poucas palavras, a jovem que votou pela primeira vez para presidente da República, se mostrou esperançosa quanto às realizações do governo de Luiz Inácio Lula da Silva.

Uma outra história que chamou a nossa atenção foi a de Joana, que veio da cidade de Lages, no interior de Santa Catarina, em busca de uma oportunidade em Porto Alegre. Ainda emocionalmente frágil pela separação recente, a moça chorou enquanto falava sobre as dificuldades pelas quais vinha passando desde a

chegada na Capital. Há um mês longe da sua cidade, Joana e sua filha de 4 anos estão morando com parentes, em Gravataí. Durante dez minutos, repetiu várias vezes que precisava do emprego para ter sua própria casa e viver sozinha com sua filha. O nervosismo de Joana era visível.

Ao que tudo indica, a esperança também acompanha a fila, dia-a-dia, dos trabalhadores que buscam em uma oportunidade de emprego a chance de mudarem suas vidas, ou de, pelo menos, poder garantir “comida na mesa todos os dias”.

Nas “entrevistas”, percebemos que a esperança dá o tom quando o assunto é Luiz Inácio Lula da Silva. Mesmo aqueles que não acreditam, ou, que não acompanham a política, falam em esperança. Os mais jovens vêm no ex-metalúrgico a possibilidade de conquistar uma vaga mais facilmente, já os mais experientes sabem que as mudanças não ocorrem do dia para noite. Seja José, Maria ou João, todos acreditam em Lula. Apenas acreditam.

Foto: JOÃO GUEDES



SAÚDE

A saúde na fila de espera

Com o governo de Lula, a espera agora é por mudanças

Por DENISE ILHA

O Sistema Único de Saúde (SUS) está legislado desde a Constituição de 1988, mas como muita coisa aqui no Brasil, ainda não foi posto em prática da mesma maneira como está determinado na lei. Nesta troca de governo, a esperança da população brasileira fica ainda mais evidente, pois a figura do presidente Lula, homem do povo, parece indicar que, desta vez, tudo vai dar certo. "Acho que vai melhorar muito com ele. O Lula transmite esperança, segurança. Ele é uma pessoa simples como a gente, que sabe as necessidades das pessoas. Mas acho que não vai ser fácil, ele tem que ter verba e ter a aprovação dos projetos. Eu tenho fé que mude, mas se eu me enganar com o presidente, não vai ser a primeira vez que isso acontece...", diz Vera Regina Mendes, doméstica de 52 anos, na fila de espera para marcação de consultas na Unidade de Saúde Jardim Itu. O discurso de Vera é repetido de diversas maneiras quando o assunto é governo Lula e a saúde. Cientes das dificuldades que o presidente vai encontrar, permanece o otimismo em relação às mudanças, principalmente no que se refere ao fim das filas nos postos de saúde e hospitais públicos. De um lado, a população cansada de ter que esperar até dois anos para consultar um especialista, e de outro, os médicos reivindicando salários mais dignos e melhores condições de trabalho, apontados como os fatores que têm afastado os profissionais do atendimento pelo SUS.

A opinião unânime dos profissionais da área é que é fundamental investir na prevenção de doenças, educação da população e no atendimento primário, que são os postos de saúde de bairro e médicos de família. O investimento nestes três fatores resultará, a longo prazo, numa grande economia para o governo, já que as internações hospitalares, que são o custo mais alto para a saúde, serão feitas apenas quando necessário.

"A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação", Artigo 196, Constituição Brasileira, 1988.

"Eu espero que nós continuemos a trabalhar dentro dos princípios do SUS e que não passe de dentro do Senado o projeto em defesa do Ato Médico que visa, de certa forma, acabar com as outras profissões da área da saúde, porque não tem como num sistema único de saúde, com a idéia de trabalhar numa forma interdisciplinar, atrelar o atendimento às pessoas numa classe só. Também tenho uma grande expectativa de, como enfermeira, ter um piso salarial para a categoria."

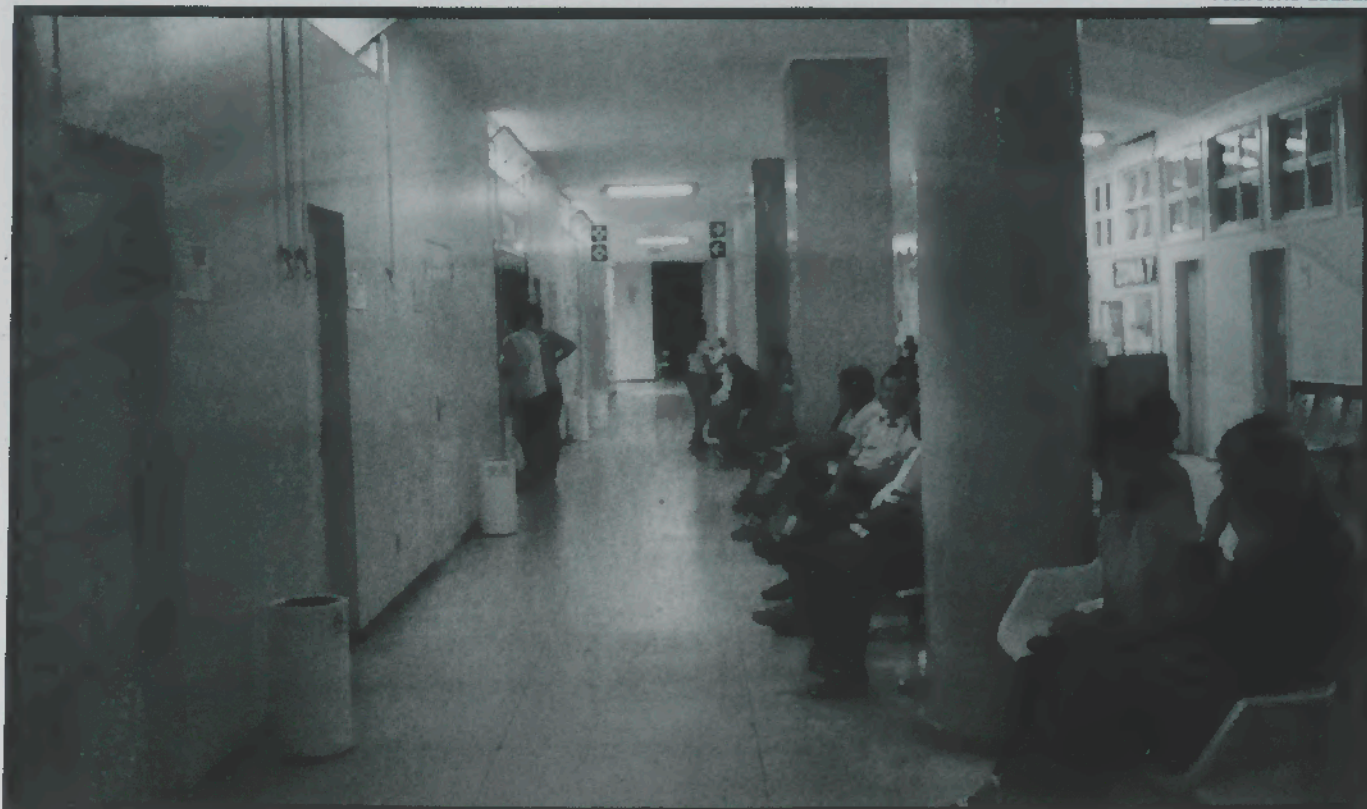
Bianca Bicca Franco, enfermeira da Unidade de Saúde Jardim Itu, especializada no curso de Enfermagem em Saúde Pública.

"Eu espero que toda população tenha um acesso real ao sistema de saúde, não só na porta de entrada, que é a ação primária, como também nos serviços especializados, que hoje têm sido uma dificuldade para os usuários. Uma pessoa com uma questão séria de coluna leva dois anos pra conseguir acesso ao especialista. Que a questão assistencial seja melhor suprida, principalmente com todo esse enfoque que o Lula vem trazendo no combate a fome. Para uma pessoa ter saúde, ela precisa poder comer. Então temos a expectativa de que o acesso básico à comida e à saúde seja pleno." Edelves Vieira Rodrigues, assistente social e chefia da Unidade de Saúde Jardim Itu

"A gente sempre tende a comparar um novo governo com o último que saiu. Eu acho que não houve um Ministro da Saúde igual ao José Serra e é muito difícil que o Lula consiga um ministro à altura. Mas eu tenho expectativa que o Lula continue seguindo a linha do que foi feito na saúde. Eu não conheço o novo ministro Humberto Costa, mas pelo que tudo indica, o ministério Lula é formado por pessoas competentes."

Paulo Roberto Soares Gonçalves, professor titular de ginecologia e obstetrícia da Fundação Universidade de Rio Grande

Foto: JOÃO GUEDES



"O médico que está na linha de frente sofre junto com a população, pois ele diagnostica mas sabe que falta o remédio na rede pública"
(Newton Barros - AMRIGS)

SEGUE

"A saúde pública tem sido mal administrada por anos. Existem dificuldades nos hospitais e os profissionais são mal pagos. A gente atende uma população extremamente pobre e que não têm a mínima condição de seguir um tratamento, a não ser que o remédio seja dado de graça, mas a maioria dos medicamentos não está à disposição e faltam com frequência. O médico que está na linha de frente do atendimento sofre junto com a população, pois ele diagnostica a doença, indica o melhor tratamento para aquela pessoa, receita o remédio e sabe que a pessoa não tem dinheiro para comprá-lo e que ele não vai estar disponível na rede pública. Isso gera uma ansiedade nos médicos, que estão desanimados

para atender a população através do SUS. Também há uma necessidade de melhor administração e aumento de recursos para que se possa dar um atendimento adequado à população. Então nós esperamos que o governo Lula tenha uma possibilidade de modificar esta situação. E o programa de combate à fome já ajuda, porque as pessoas estando alimentadas, obviamente terão uma resistência melhor e menos chance de ter algumas doenças. Isso é bom para a saúde pública, mas existem muitas coisas para serem feitas e esperamos que o novo governo possa realizar." Newton Monteiro de Barros, presidente da Associação Médica do Rio Grande do Sul (AMRIGS)

"Com relação a nossa área da saúde, nós temos problemas continentais e o mais importante deles é sem dúvida, a questão da fome. Este programa Fome Zero, que ainda não está materializado, demonstra essa prioridade que se dá à questão de saúde pública no nosso país. É fundamental que essa situação de pobreza absoluta em que se encontra parte da população seja resolvida. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, quando assumiu, disse que combateria a fome e injustiças sociais, mas, na verdade, anos depois a gente vê um país ainda mais empobrecido. Mas com esse presidente que é um trabalhador eleito, com essa priorização pelo social, eu acho que indica para o país a superação desses problemas."

Maria Rita de Assis Brasil, vice-presidente do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (SIMERS), médica clínica geral e especialista em Medicina de Urgência do Hospital Conceição e Ernesto Dornelles

LIVRO

Sem desculpa para fracassar

No livro *A Utopia Desarmada*, Jorge Castañeda aponta uma boa maneira de saber o que esperar do governo Lula

Por EDSON PINEDO

Após três tentativas sem êxito de alcançar o maior cargo do poder executivo nacional, Lula finalmente chega à Presidência da República. Mas o que mudou no PT desde as eleições anteriores? Certamente não foi apenas a experiência acumulada ao longo dos anos na oposição que acarretou nas mudanças observadas na atual postura do partido. Uma boa pedida para tentar entender um pouco do discurso mais moderado - há quem diga que notadamente o partido aproximou-se do centro - é o livro do economista mexicano Jorge Castañeda, *A Utopia Desarmada* (Companhia das Letras, 1994). Nele, o autor defende que, com o fim da Guerra Fria, a esquerda latino-americana ganhou uma vantagem mas, ao mesmo tempo, um grande desafio. A vantagem seria que sua ascensão ao poder não pode mais ser interpretada apenas como uma ameaça aos Estados Unidos - a principal justificativa para as intervenções de então. O desafio passaria a ser que a esquerda já não teria uma "desculpa" para um eventual fracasso. Estando agora no governo, seria julgada apenas pelos próprios mé-

ritos, na tarefa que é, em última análise, sua própria razão de existir: atender aos anseios das mudanças sociais, algo comum a todos os países da América Latina. Segundo Castañeda, a queda das ditaduras do Leste Europeu, acompanhada pela derrota sandinista e pela agonia cubana, pôe fim a uma idéia de revolução que tem seu paradigma na Rússia de 1917. Mas isso não invalida, segundo ele, o papel da esquerda como um agente de mudanças necessárias e radicais. Os graves problemas sociais não desapareceram da América Latina com o fim do regime socialista. Muito pelo contrário, a adoção de políticas neoliberais teve como resultado uma distância ainda maior entre as diferentes classes sociais.

O autor observa que as vitórias esquerdistas nas urnas nada mais são do que uma consequência lógica da democracia. Com a prática repetida de eleições livres, a maioria social - a multidão de pobres e de marginalizados - tende a se tornar também maioria política, elegendo governos que

expressem suas aspirações. Foi por isso mesmo, aliás, que a direita suprimiu a democracia nas décadas de 60 e 70. A questão-chave não é chegar ao governo, mas escapar ao dilema que marcou a trágica experiência de Allende no Chile: ou o presidente permanecia fiel ao seu programa e aos setores sociais que o elegeram, ou a resistência às mudanças mergulharia o país no caos. Deu no que deu. Para

superar esse impasse, afirma o autor, um governo comprometido com reformas profundas teria de agrupar em torno de si um leque muito mais amplo do que as forças de esquerda. Não

bastariam 51% dos votos, o máximo que a Unidade Popular conseguiu no Chile. Nem mesmo uma insurreição, como no caso da Nicarágua, seria suficiente, já que o vasto apoio inicial aos sandinistas murchou com o tempo. Seria necessário um "novo pacto social", que incluísse os milhões de marginalizados, os trabalhadores, boa parte da classe média e uma fatia expressiva do empresariado. Na sua forma, a proposta lembra a velha estratégia

comunista das frentes populares, mas o conteúdo é totalmente diferente. Não se trata de atrair um punhado de burgueses desavisados para depois expropriá-los na primeira curva do caminho. Mesmo sem aderir aos valores do capitalismo, a esquerda reconhece a inviabilidade do extinto modelo socialista e aceita - "sinceramente", enfatiza o autor - a lógica da economia de mercado. Seu horizonte seria explicitamente reformista: a redução das desigualdades e a construção de um estado de bem-estar social, à europeia, através da transferência de recursos (via impostos) e de poder dos ricos para os pobres. Nessa proposta, a classe média teria de sacrificar um pouco de seu padrão de vida. Ganharia, em troca, um país mais decente, menos violento. O empresariado teria de fazer concessões ainda maiores, mas no final podendo até mesmo lucrar com a retomada do crescimento e a ampliação do mercado interno. Para Castañeda, o reformismo seria viável se as elites percebessem que a outra alternativa é bem pior. O perigo, para as minorias privilegiadas, não é mais a revolução, mas sim a desagregação social, como o crescimento assustador da violência urbana que presenciamos atualmente em nosso país. ■

A proposta lembra a velha estratégia comunista das frentes populares, mas o conteúdo é diferente.

ENTREVISTA | OLÍVIO DUTRA

De líder grevista a Ministro de Estado

A GISELE NEULS e LENARA LONDERO

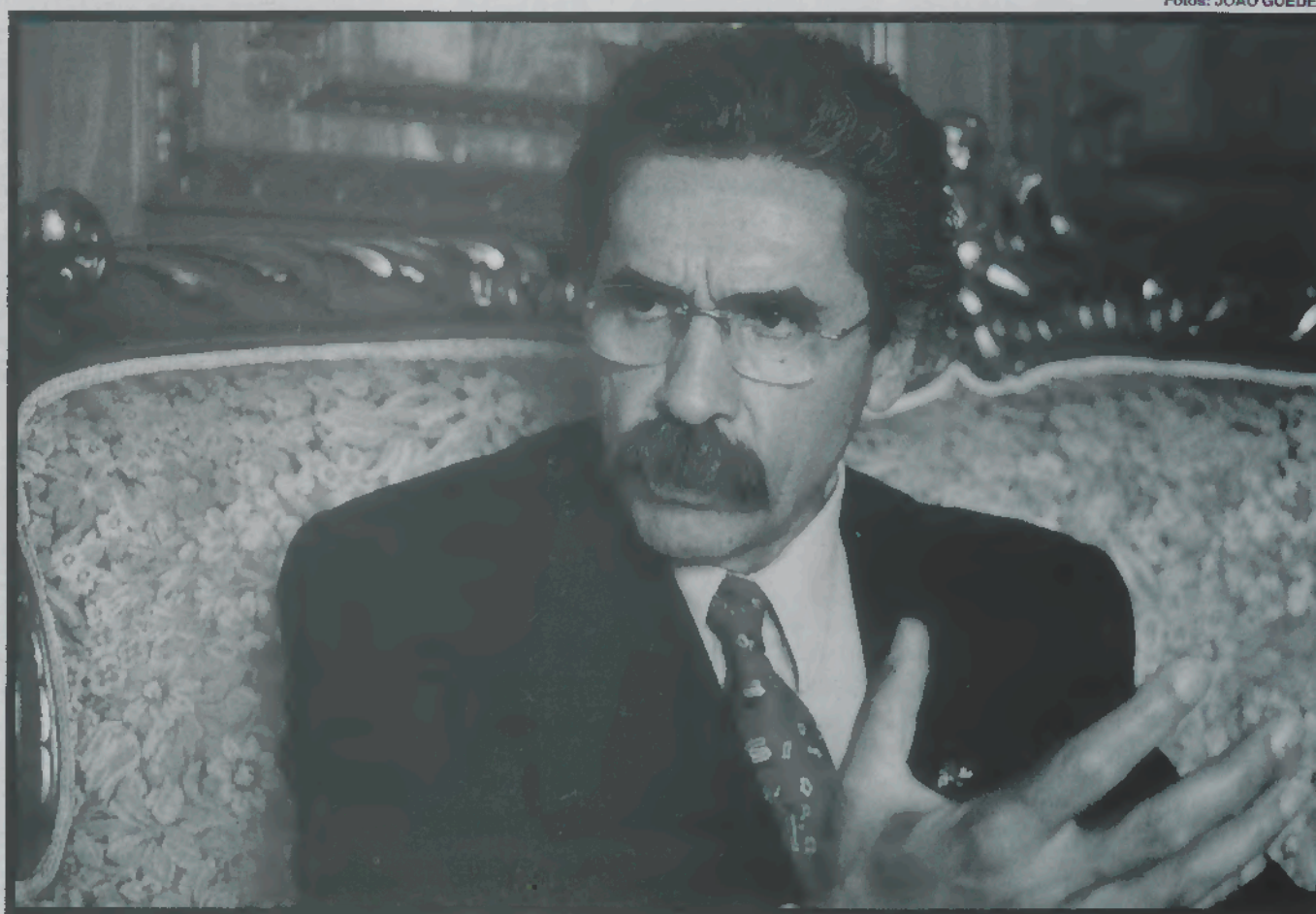
Olívio Dutra, atual ministro das Cidades, é um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores. Foi deputado federal, prefeito de Porto Alegre e governador do RS. Graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trabalhou como escriturário do Barrisul, onde iniciou sua militância no movimento sindical. Como presidente do sindicato dos bancários, liderou a primeira greve de trabalhadores no Estado em 1979. Participou também da fundação da CUT no Rio Grande do Sul, tornando-se figura de referência dentro do PT.

Em Brasília, durante sua legislatura como deputado federal constituinte, Olívio dividiu o apartamento – e os sonhos – com o colega Lula. Natural de Bossoroca, região das Missões, é casado com a professora Judite, com quem tem dois filhos: Espártacus e Laura. Orgulha-se de ter alfabetizado seus pais, ex-agricultores sem-terra.

Ainda em dezembro, antes de ser indicado Ministro das Cidades por seu companheiro Luiz Inácio Lula da Silva, Olívio Dutra falou ao 3x4 sobre sua gestão no Palácio Piratini e suas expectativas para o governo Lula.

JEITO PT DE GOVERNAR

“Estamos permanentemente promovendo, provocando a cidadania plena, exercida no cotidiano da vida das pessoas e por milhares de cidadãos e cidadãs. Vivemos um momento rico em que todas essas experiências vêm à tona para serem trabalhadas nos seus acertos, nos seus avanços, também nos seus aprendizados. Chegamos para governar o Brasil com uma experiência bastante significativa. Temos uma representação cada vez mais vigorosa nos legislativos municipais, nas assembleias legislativas, no Congresso Nacional, no governo de municípios de diferentes regiões, situações, economias, culturas, e também governamos estados



Fotos: JOÃO GUEDES

O povo não pode ser uma massa tangida para lá ou para cá segundo os interesses do governante.

como o Rio Grande do Sul, o Mato Grosso e o Acre. Nosso partido, nosso projeto, têm uma relação aberta com a idéia da transformação vinculada com liberdade, com democracia, com humanidade. Isso trouxe experiências riquíssimas para os partidos da Frente Popular exercerem o Governo na contramão do neoliberalismo, provocando uma outra cultura, que é a cultura da participação, que se opõe à cultura convencional do ‘vote em mim, pode deixar comigo, eu resolvo tudo’, e o cidadão não precisa ser mais do que cidadão no dia do voto.”

CONSTRUÇÃO DO PARTIDO

“Naquela época eu não imaginava que chegaríamos ao governo. Evidente que quem discutia política, como nós, no final da década de 70, esperava realizar mudanças... Nós tínhamos superado no final da década de 70 aquela idéia de que sindicalismo não compatibilizava com política, era cada macaco no seu galho. Superamos isso e percebemos que era preciso distinguir, e não misturar ou confundir as coisas. Esta possibilidade de discutir política e um projeto no país do ponto de vista das classes trabalhadoras acabou formando o PT.

Os partidos precisam ter contornos ideológicos mais claros. Então, quando nós amadurecemos para essa compreensão de como é importante esse protagonismo político, houve um processo de grandes mobilizações sociais nos sindicatos, a luta por uma

nova estrutura sindical, a luta pela anistia, a luta pelas eleições diretas, a luta pela constituinte, a luta pelo impeachment de um presidente... o movimento de todas essas lutas veio crescendo, e foi criando alternativas de poder, seja local, regional ou nacional.”

A CHEGADA AO PODER

“Nosso sentimento é de satisfação por termos participado de um processo desde as suas origens e por dentro da Ditadura e do Regime Militar, enfrentando uma cultura tradicional de não-participação ou um certo desprezo pela presença das minorias. Foi um processo de amadurecimento, e aí, nós já estávamos sendo eleitos vereadores, deputados, prefeitos, governadores. Isso veio ao natural. Não foi uma ambição daqui ou dali, pessoal, ou uma determinação de alguém.

Então é a vida que vem crian-

do essas situações e a gente vem assumindo essas responsabilidades com seriedade, fazendo também com muito gosto, porque a gente faz com consciência, porque a gente quer que a política seja feita não contra a vida. A política tem que ser feita a favor da vida. A vida tem que ser vivida, e não sofrida.”

LULA

“Eu registro com um certo orgulho ter convivido com o Lula desde o início da década de 70, ter trabalhado junto com ele em muita coisa, e agora ele está assumindo o Governo, a Presidência da República. É alguém que tem origem numa das regiões mais pobres do país, o Nordeste, foi retirante, líder sindical, construtor de um partido, militante político, símbolo deste movimento enorme e que tem a humildade de reconhecer que antes de nós outros tiveram a mesma luta.

Isso me faz lembrar também quando eu era criança, lá em São Luiz Gonzaga, e ouvia os discursos do Getúlio Vargas. Primeiro de Maio, aquele discurso lá nas rádios, que ele fazia. Um dos discursos representava os trabalhadores e sua esperança com o futuro do país, e o Getúlio chegou ao poder. O PT agora, de certa forma, está se realizando com o Lula. É um trabalhador, operário, tudo o que ele representa no país e na vida social, e é ele quem está agora assumindo a Presidência da República.”

LULA E O MUNDO

“Penso que nós temos aqui, na verdade, um momento que tem importância não só para o povo brasileiro, mas também para o mundo. Há muitas experiências positivas da luta democrática em toda a América Latina, em outros continentes, e um anseio de muitos povos no mundo inteiro de que não sejamos escravos da mercadoria, do lucro, do dinheiro, e que haja avanços fundamentais baseados no protagonismo das pessoas, do

povo, na radicalidade democrática.”

TRAJETÓRIA POLÍTICA

“Fui presidente do Sindicato dos Bancários e não imaginava que pudesse ser eleito prefeito de Porto Alegre, como fui em 88, dando início a um processo que faz a nossa capital ser referência no mundo inteiro. Não imaginava também que um dia seria deputado federal constituinte, como fui antes de ser prefeito, junto com Lula.

Tive a honra de ser o primeiro prefeito com origem na esquerda, nos movimentos sociais — com compromissos bem definidos de colocar o Estado sob controle público — em Porto Alegre, eleito em 88, e a partir dali desencadeamos um processo que levou à reeleição do projeto, que está na sua quarta administração na capital do Rio Grande.”

Um partido tem que ter fatores ideológicos claros, e acho que essa é a grande contribuição do PT e dos PCs.

EXPERIÊNCIAS DE GOVERNO

“O Orçamento Participativo, que era uma experiência social, local, municipal, passou a ser prática de milhares de pessoas em todos os 497 municípios do RS. Quer dizer, discutir a proposta orçamentária na sua dimensão regional, estadual, e construir com solidariedade e transparência que elimina a corrupção, o aproveitamento público, a vaidade do governante de governar... As prioridades são definidas segundo as necessidades do desenvolvimento mais harmonioso, articulado, local, regional, estadual. É importante a participação para a ci-

dadania ser plenamente exercida. Acho que tudo isso é altamente positivo.

O Orçamento Participativo não é uma dádiva do Governo, é uma conquista da cidadania. Não fabrica dinheiro, mas fabrica cidadania valiosa para o controle público que se dá sobre o governo e os governantes, o próprio Estado, e isso reduz custo, otimiza a aplicação de recursos, define melhor as políticas e também consolida a democracia, qualifica as relações do cidadão com o Estado e entre os poderes Executivo, Legislativo, Judiciário. O Rio Grande tem regiões que vivem com dificuldades maiores do que outras, com receitas inferiores do que precisam ter. É preciso uma política que nos possibilite uma atualização da sua produção e uma inclusão maior das suas comunidades no processo de elevação da renda, geração de empregos, qualificação da vida. Nós tivemos um período muito rico, desafiador, estimulante e estimulador da cidadania, e penso que ele criou condições muito positivas para avanços bem maiores daqui pra frente, com protagonismos maiores.”

PERSPECTIVAS

“O financiamento do Estado brasileiro está mal, está errado. Tem uma estrutura tributária que, da forma como está montada, faz com que os assalariados, os setores sociais no país com menor renda, acabem proporcionalmente pagando mais impostos. Esta estrutura tributária está de ponta cabeça, porque faz quem tem menos pagar mais e quem tem mais pagar menos. É a famosa reforma tributária, que era pra ser das primeiras reformas lá no primeiro governo Fernando Henrique e ficou para as ‘Lendas Gregas’.

Resolver esse problema estrutural do Estado brasileiro vai ser um desafio do nosso Governo, como é um desafio também a previdência. A possibilidade de ter uma previdência que tenha controle pelas contribuições e um controle público do Estado, por sua vez controlado democraticamente pelo povo, um Estado não privatizado. Precisamos enfrentar esses desafios para diminuir ou eliminar as enormes desigualdades sociais de uma região para outra no Brasil.”

FOME ZERO

“O fato de Lula ter firmado o combate à fome como prioridade nossa, do Governo Federal, é uma amostra da radicalidade correta da política que vamos implantar. São nove milhões de famílias de brasileiros que não têm um prato de comida por dia.”

LINHA DO TEMPO

- 1941 – Nascimento na Bossoroca, RS
- 1982 – Primeira eleição estadual, ficando em 4º lugar
- 1986 – Deputado Federal Constituinte, com Lula
- 1987 – Presidência Nacional do PT
- 1988 – Primeiro prefeito pelo PT em Porto Alegre
- 1994 – Derrota para Antônio Britto ao Governo do Estado
- 1995 – Presidência Estadual do PT
- 1998 – Eleito Governador do Estado do RS
- 2003 – Nomeado Ministro das Cidades pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva

Fonte: www.pt.org.br, www.radiobras.gov.br/governo/ministerio/lula_cidades.htm e http://www2.uol.com.br/JC/sites/POSSE_LULA/min_cidades.htm

